

3

Um lugar para a pulsão em Winnicott?

É um alívio que a psicanálise tenha atravessado a fase, que durou meio século, na qual quando os analistas se referiam a bebês, só podiam falar em termos das pulsões eróticas e agressivas. Era tudo questão de instinto pré-genital, de erotismo oral e anal e reações à frustração, com alguns acréscimos bastante bravios, feitos em termos de comportamento natural agressivo e idéias destrutivas, *agressivité*. O trabalho deste tipo teve o seu valor e continua a tê-lo, mas hoje é necessário que os analistas que se referem à natureza do bebê vejam o que mais se acha lá para ser visto. Para o analista ortodoxo, se ele examinar melhor, há alguns choques a sua espera (Winnicott).

Os ecos e desdobramentos do polêmico debate travado nos anos de 1940 entre Anna Freud e Melanie Klein³⁷ em torno da herança freudiana são, ainda hoje, fonte de muitas discussões para a Psicanálise. Do meio das Controvérsias, cuja publicação, aliás, Green³⁸ considera o documento mais importante da história da psicanálise, emergiu um terceiro grupo, composto pelos membros da Sociedade Britânica de Psicanálise não engajados com uma das duas teorias em particular, que se tornou uma das maiores referências para se pensar a clínica contemporânea. Frequentemente, é revisitando os autores deste grupo³⁹, de vocação explicitamente mais clínica do que especulativa, que os analistas encontram, hoje, as ferramentas para lidar com os impasses da prática terapêutica e pensar as dificuldades teóricas que daí decorrem. Neste terceiro grupo, chamado Grupo do Meio, ou dos Independentes Ingleses, do qual Winnicott faz parte, é inegável a influência (mesmo que nem sempre direta) da sensibilidade clínica de Ferenczi⁴⁰.

Como foi visto no capítulo anterior, ao considerar as falhas do meio ambiente na etiologia das patologias e na origem do sofrimento psíquico,

³⁷ "Publicamente, a controvérsia era principalmente expressa em termos de diferenças científicas de opinião sobre o que era considerado aceitável como teoria e técnica psicanalíticas tal como formuladas por Freud, e que pontos de vista deveriam ser ensinados aos estudantes de psicanálise ou incluídos em conferências públicas por analistas que representavam a Sociedade" (King & Steiner, 1998, p.37). Winnicott se manteve à margem das discussões, em suas próprias palavras: "Fiquei completamente perdido na longa controvérsia que prosseguiu durante a guerra e arruinou todos nossos encontros científicos, quando as pessoas estavam lutando pelos direitos da Sra. Klein. Tinha de ser feito, mas me deixou completamente frio; eu não sabia nada a respeito dela (controvérsia) e mantive-me inteiramente fora do caminho. Achei difícil, e ainda acho hoje, entendê-la. Mas o que me aconteceu foi que comecei a ficar interessado pelo meio ambiente, e isto conduziu a algo em mim" (Winnicott, 1967b, p. 438).

³⁸ Cf. Green, 1995, p.245.

³⁹ Dentre os membros deste terceiro grupo podemos citar: M. Balint, D. Winnicott, R. Fairbairn, E. Jones, E. Sharpe, J. Strachey, J. Flugel, M. Brierly, S. Payne, J. Rickman, P. Heimann, M. Khan, J. Bowlby. Hoje em dia poderíamos citar C. Bollas e C. Rycroft.

⁴⁰ Cf. Pacheco-Ferreira, F. "Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para sair daqui?" Balint e Winnicott, herdeiros da clínica ferencziana. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2003.

Ferenczi, através de suas inovações técnicas e de seu esforço para tratar pacientes antes considerados inanalísáveis pela teoria clássica do recalçamento, redimensionou o papel da fantasia, cuja excessiva valorização deu origem a uma visão exageradamente intrapsíquica da gênese da subjetividade. Nesse sentido, ao privilegiar a relação médico-paciente, apostando mais na relação dual mãe-filho do que na trama triangular do Édipo, Ferenczi foi responsável, em sua retomada da teoria do trauma, por deslocar o interesse da linguagem econômica para a interpessoal. O que significa, em outras palavras, abandonar a ênfase de Freud em pulsões operando de modo mecânico no interior do indivíduo, tomado de forma isolada, para favorecer o pleno reconhecimento do papel desempenhado pela alteridade no início da vida psíquica.

No entanto, para investigar o lugar da pulsão no pensamento de Winnicott, além de considerar a influência indireta da sensibilidade clínica de Ferenczi, é necessário também ter em mente o pano de fundo das Controvérsias, em especial, o posicionamento de Winnicott frente a Melanie Klein e aos kleinianos. Isso porque, independente da originalidade de seu percurso individual enquanto pediatra e psicanalista, é a Klein, e ao grupo hegemônico formado ao redor dela na Sociedade Britânica de Psicanálise, que ele responde e reage para, pouco a pouco, distanciar-se e solidificar seu pensamento pessoal. Por isso, ao coletar e reunir em seus escritos os parcos posicionamentos explícitos em relação à questão pulsional, não se pode esquecer que é quase sempre a ela e a sua escola, mais do que a Freud ou a sua filha, que Winnicott se dirige⁴¹.

Winnicott preocupou-se em defender uma linguagem viva na sociedade, combatendo doutrinas, como a kleiniana, mas não as idéias de Klein em si, que ele considerava muito criativa, além de excelente analista. A questão, como ele mesmo dizia, era que "...sempre que há um grande pensador realmente original, surge um 'ismo' que se torna um incômodo" (Winnicott, 1952c, p.37). Preocupado com o que seria um uso errôneo da psicanálise, como uma espécie de quebra-cabeça, no qual o trabalho consistiria em simplesmente juntar peças já existentes e disponíveis, ele alerta Klein, em uma famosa carta de 17 de novembro de 1952, sobre os perigos do doutrinamento de suas idéias.

Estou preocupado com esta organização que pode ser chamada de Kleiniana, que eu creio ser o verdadeiro perigo para a difusão de seu trabalho. Suas idéias apenas subsistirão porquanto forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais dentro do movimento psicanalítico e fora dele. (...) Você é a única que

⁴¹ "Seu [Winnicott] trabalho, em realidade, não pode ser compreendido sem referência a Klein. Trata-se de um contínuo, e às vezes implícito, comentário e crítica do trabalho dela" (Phillips, 1988, p.9).

pode destruir esta linguagem chamada doutrina Kleiniana e Kleinismo e tudo isto com um objetivo construtivo. Se você não destruir isso, esse fenômeno artificialmente integrado deverá ser atacado destrutivamente (Winnicott, 1952c, p.35).

Além de levar em conta quem são seus interlocutores, outra questão a que se deve estar atento é o notório emprego idiossincrático por parte de Winnicott de conceitos psicanalíticos consagrados, o que dificulta uma discussão de natureza comparativa. Quando Winnicott, por exemplo, fala de pulsão ou instinto⁴², pode-se considerar que se trata do mesmo espectro semântico encontrado habitualmente no emprego desses termos por outros psicanalistas? Ou ainda, quando ele próprio em um texto usa esse termo, é certo que sua repetição em outro artigo indique exatamente a mesma coisa? Creio que a resposta a estas perguntas é negativa⁴³; não é sempre da mesma coisa que se trata, embora daí não se deva concluir que seu pensamento seja ininteligível ou não passível de ser comparado a outras leituras psicanalíticas. Aliás, este estilo pessoal pouco ortodoxo de Winnicott já foi sinalizado e qualificado por numerosos autores tanto de forma negativa como positiva. Phillips (1988, p.14), por exemplo, chama atenção para o fato de Winnicott usar termos chave do léxico psicanalítico como se eles não tivessem história no pensamento da psicanálise; Green (1977, p.4) já afirmou que sua obra forma uma rede de fios entrecruzados difícil de se desemaranhar; Alby (1999, pp.158-9) associou essa ausência de sistematização à tradição tipicamente inglesa, ancorada na pragmática (Locke), e, ao mesmo tempo, com um toque de fantasia (Carroll); enquanto Pontalis (1999, p.198) chegou a considerar que tal característica era seu maior trunfo, o chamado efeito Winnicott, atentando mesmo para um risco de empobrecimento de sua obra, produzido pela busca rígida de coerência em seus conceitos. O estilo escrito de Winnicott, mais informal, dirigido muitas vezes a uma plateia composta por mães e pais ou colegas pediatras, é por vezes poético, mas não rigoroso conceitualmente. Em todo caso, é interessante notar que em Winnicott há um deslocamento das formulações metapsicológicas, expressas em uma terminologia mais clássica, para formulações criadas a partir da linguagem comum dos pacientes e, portanto, voltadas para a qualidade da

⁴² Na maior parte do tempo Winnicott emprega o termo *instinct* (instinto) ao invés de *drive* (pulsão). Pode-se atribuir isso à tradução das obras de Freud para o Inglês, feita por Strachey que, como já foi dito, preferiu traduzir *trieb* (pulsão) por *instinct* (instinto). Contudo, cabe ressaltar que tal diferença não é uma questão importante para Winnicott, na medida em que Natureza e Cultura são mais complementares do que opostos em seu pensamento, não exigindo, portanto, que a clara distinção entre instinto e pulsão se tornasse seu cavalo de batalha.

⁴³ No que concerne ao conceito de pulsão, acredito que a resposta a essas perguntas é negativa não só para Winnicott, mas para a comunidade psicanalítica em geral, estando aí um dos interesses de ainda abordar essa já antiga temática.

experiência, o que, se não trouxe rigor conceitual, resultou em uma clínica muito rica. Como o próprio autor explica:

O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez este seja um método tão bom quanto qualquer outro (Winnicott, 1945, p.218).

O fato de Winnicott não utilizar os jargões e mesmo a grade teórica habitual da psicanálise, estruturada em conceitos sobre os quais há ao menos um consenso, não impede a tentativa de estabelecer um diálogo. A tarefa fica, ao contrário, mais interessante, pois se trata de entender que outro tipo de elaboração o autor apresenta para ocupar o lugar do conceito ao qual ele não se refere, ou ao qual se refere de forma idiossincrática. Para isso, não é interessante se ater somente a tal ou qual frase, tomada isoladamente, mas sim considerar seu pensamento em conjunto.

Uma leitura global de seus escritos aponta de imediato para o fato de que, em contraposição à perspectiva pulsional e metapsicológica da chamada psicanálise clássica⁴⁴, centrada na interpretação, no Édipo e na neurose, Winnicott apresenta um ponto de vista alternativo - ou talvez complementar -, no qual o *holding*, a constituição do *self*, e os casos ditos limite são o eixo reflexivo central. Winnicott considerava seu trabalho em continuidade com o projeto científico de Freud, mesmo que isso o levasse a caminhos que poderiam subverter o sentido original das primeiras formulações psicanalíticas. Aliás, ele reconhecia no próprio Freud esse mesmo movimento evolutivo do pensamento, que pode ser qualificado como mais próximo da teoria, que é aberta, do que da doutrina que, por sua vez, é fechada e se realimenta todo o tempo pela referência ao pensamento de seus fundadores⁴⁵. Em suas próprias palavras:

Eu sou um produto da escola psicanalítica freudiana. Isto não significa que eu tome por certo tudo que Freud disse ou escreveu, e em todo caso isso seria absurdo, uma vez que Freud estava desenvolvendo, ou seja, modificando suas visões (de uma maneira ordenada, como qualquer outro cientista) o tempo todo, até sua morte em 1939. De fato, há algumas coisas em que Freud chegou a acreditar, que me parecem, assim como a outros analistas, estar verdadeiramente erradas, mas isso simplesmente não importa. (...) ele nos deu um método para ser

⁴⁴ Chamo aqui de psicanálise clássica ou tradicional a psicanálise Freudiana centrada na neurose, no paradigma edípico e na interpretação do desejo inconsciente recalcado. Winnicott se referia tanto à psicanálise de Freud como à de Melanie Klein pelos termos “clássica”, “tradicional” ou mesmo “ortodoxa”. Para Winnicott, diferentemente desses autores, a psicanálise “não é apenas uma questão de interpretação do inconsciente reprimido; é mais precisamente a provisão de um enquadre profissional para a confiança, no qual tal trabalho pode acontecer” (Winnicott, 1970a, pp.114-115).

⁴⁵ Cf. Cyrulnik e Morin, 2000.

usado e desenvolvido, que podíamos aprender, e por meio do qual era possível checar as observações de outros e contribuir com nossas próprias (Winnicott, 1950, p.29).

Embora o próprio Winnicott nunca tenha concordado que suas elaborações constituíssem uma real oposição às idéias freudianas, o autor não negava sua dificuldade em ler e adotar a parte mais metapsicológica da obra de Freud, da qual toda a teoria pulsional faz parte. Essa dificuldade fica clara em sua correspondência⁴⁶, como na carta em que Winnicott diz a Strachey que este ficará aliviado em saber que ele fez “um bocado de leitura psicanalítica, graças ao fato de ter estado doente duas vezes” (Winnicott, 1951, p.24). Ou ainda na carta a Anna Freud, de 1954, na qual tenta compreender o porquê de não adotar a linguagem metapsicológica e preferir dizer as coisas à sua própria maneira.

Tenho um jeito irritante de dizer coisas na minha própria linguagem ao invés de aprender como usar os termos da metapsicologia psicanalítica. Estou tentando descobrir por que desconfio tanto desses termos. Será que é porque eles aparentam uma compreensão comum quando tal compreensão não existe? Ou é por causa de algo em mim mesmo? É possível, é claro, que sejam ambos (Winnicott, 1954, p.58).

Como afirma o editor de suas cartas, Robert Rodman (1999, p.xxvii), tal desconfiança provavelmente se deve ao fato de Winnicott se interessar mais por Freud, enquanto “o criador de um método para sondar a alma humana” do que por Freud como “o grande construtor de sistema”. Outra explicação para tal dificuldade em adotar plenamente o aparelho psíquico freudiano, e todo o sistema metapsicológico que o torna inteligível, fica clara em mais uma carta, dessa vez a Clifford Scott, de abril de 1954, na qual ele afirma ser muito difícil “fazer com que os analistas olhem para a infância precoce, a não ser em termos de impulsos e desejos” (Winnicott, 1954b, p.61).

Winnicott era consciente de que, embora não tivesse feito contribuições importantes no campo princeps da psicanálise⁴⁷, o das psiconeuroses, lançara luz sobre uma área até então ignorada ou passada despercebida, a das condições necessárias para a construção do *self*. Mesmo considerando seu ponto de vista como plenamente de acordo com o projeto científico de Freud, ele contribuiu para um novo olhar sobre várias questões, abrindo caminho para uma reformulação do campo psicanalítico, para além das explicações em torno do

⁴⁶ Reunida no livro *The spontaneous Gesture: selected letters of D.W.Winnicott*, editado por Rodman, 1999.

⁴⁷ “Agora, com referência às psiconeuroses, senti que a teoria de Freud e o seu esquema em desenvolvimento para as coisas, à medida que pude vir gradualmente a aprendê-las, abrangia o tema, e, até onde sei, não fiz contribuição alguma nessa área” (Winnicott, 1967b, p. 438).

complexo de Édipo e de sua regressão. Winnicott voltou-se, assim, para o estudo dos fenômenos da experiência pré-reflexiva e não-discursiva dos distúrbios emocionais muito precoces. “Pensei comigo: vou demonstrar que bebês ficam enfermos muito cedo, e, se a teoria não se ajustar a isso, ela terá de se ajustar a si própria. E foi assim” (1967b, p.438).

Esse novo olhar fica ainda mais evidente quando ele se desprende das idéias de Klein, muitas vezes no esforço de revisá-las, e se consolida como um autor independente, o que pode ser localizado em torno da década de 1950. Ao longo dessa época, Winnicott foi construindo uma teoria sobre os estágios mais primitivos do desenvolvimento que privilegiou a idéia de “forças integrativas silenciosas da natureza”, afastando-se das teorias pulsionais então em voga. Como bem afirma Phillips:

Por um lado, no trabalho de Winnicott deste período [50-62], ele expressa uma acentuada preferência – o que é freqüentemente uma idealização – pelas ‘forças integrativas silenciosas’ da natureza e pelo conhecimento tácito ou pela ‘atitude intuitiva’ do que ele chama de ‘mãe devotada comum’. Por outro lado, ele chega a formulações, cada vez mais complexas, e freqüentemente obscuras, a respeito dos estágios ‘naturais’ mais precoces do desenvolvimento do bebê [*infant*] que o envolvem em uma revisão radical dos tipos de teoria instintual sobre os quais a psicanálise havia tradicionalmente se baseado (Phillips, 1988, p.99).

Estou, portanto, trabalhando com a idéia de que Winnicott não adota a teoria pulsional tal como Freud a concebeu e, que tampouco adere às formulações de Klein relativas à pulsão de morte. Em seu lugar, ele oferece outra concepção que compreende idéias estranhas ao vocabulário psicanalítico corrente, como as de processos ‘naturais’ do desenvolvimento, de vivacidade corporal (*bodily aliveness*), de gesto espontâneo, de verdadeiro *self*, de experiência do vivido, entre outras. Sua maior preocupação era a de salientar que havia algo precioso e vital, fonte do viver transformador e criativo, que dependia de inúmeras tarefas e capacidades a serem desenvolvidas, as quais não haviam sido, até então, exploradas pela psicanálise⁴⁸. Pensar em termos de capacidade é muito importante para Winnicott, pois permite abrir espaço para o que é da ordem do singular a cada um, rompendo com a dicotomia atividade/passividade⁴⁹. É nesse sentido que a idéia de processos em

⁴⁸ É interessante notar que embora Winnicott não provoque em seu leitor a impressão de auto-posicionar-se como pioneiro e portador de idéias inéditas, em sua correspondência, em contrapartida, fica claro como ele defende seus posicionamentos assertiva e agressivamente, para usar a sua própria definição positiva de agressividade, ao mesmo tempo em que se mostra aberto e disposto a discutir idéias com seus colegas. Esta faceta mais agressiva de sua personalidade muitas vezes foi subestimada.

⁴⁹ “Capacidade, com sua implicação de possibilidade armazenada, e sua combinação do receptivo e do generativo, borra o limite entre atividade e passividade” (Phillips, 1988, p.58).

desdobramento é mais adequada ao pensamento de Winnicott do que a idéia de forças em conflito, como sublinha Costa em sua justa comparação entre Freud e Winnicott, e, pode-se acrescentar, entre a clínica dita ortodoxa e a contemporânea.

Na leitura de origem freudiana a função do poder é a repressão dos excessos pulsionais, donde a importância da interdição; na de origem winnicottiana, o poder se revela na capacidade de o ambiente tolerar, sem revide, o ímpeto das pulsões, dirigindo-o para a expressão da criatividade. A cada um, diríamos, sua Holanda. A metáfora preferida de Freud é o dique holandês edificado para conter o avanço do mar e a inundação iminente; a de Winnicott é o moinho de água ou vento, que aproveita a força da natureza para a realização de trabalhos úteis (Costa, 2000, p.26).

A idéia de forças em conflito leva Freud a conceber um homem que, dividido pelas contradições de seu desejo, é conduzido a relações frustradas com os outros. A idéia winnicottiana de processos em desdobramento, por sua vez, implica uma jornada da dependência à independência, na qual a etapa de relação com o mundo e, concomitantemente, o estado de independência, só pode ser atingido através do reconhecimento da dependência absoluta inicial do meio. Como bem resume Phillips, se, para Freud, o homem era o animal ambivalente, para Winnicott, ele era o homem dependente (Phillips, 1988, p.7). Pode-se dizer que ambos, Freud e Winnicott, iluminaram facetas relativas a momentos diferentes na vida de um ser humano. A restrição do alcance da força heurística do conceito de pulsão em Winnicott é, portanto, acompanhada de outro olhar sobre a compreensão das forças em jogo, a saber, um desenvolvimento alternativo do início da vida psíquica, através de sua teoria dos processos maturacionais, na qual a dependência do meio ambiente original e a possibilidade de uma existência autêntica e criativa ganham o primeiro plano.

Loparic⁵⁰ há muitos anos defende uma tese interessante, embora polêmica, na qual atribui o estatuto de revolução científica à obra de Winnicott. Em sua leitura, há em Winnicott uma verdadeira mudança de paradigma, que fica cada vez mais explícita na última década de sua vida (1960-71).

Desde aproximadamente 1965, Winnicott passou a interpretar todos os momentos

⁵⁰ Nas palavras de Loparic: "Creio que se possa dizer, do ponto de vista da teoria da ciência, que a teoria de Winnicott constitui uma *revolução científica* que substitui o paradigma da psicanálise tradicional por um novo. Em primeiro lugar, o antigo problema central, o do *andarilho na cama da mãe*, cede o lugar a um novo: o do *bebê no colo da mãe*. E, em segundo lugar, o papel de solução exemplar, paradigmática, passa a ser desempenhado pela teoria do amadurecimento pessoal, e não mais pela teoria da história natural da função sexual" (Loparic, 1996, p. 11). Não pretendo apresentar ou aderir a esta tese em sua totalidade, mas aproveitar o rigor e clareza com os quais, a meu ver, Loparic, e outros autores que seguem seu ponto de vista, abordam alguns conceitos de Winnicott.

urgenciais no quadro de um processo desconhecido por Freud e pela psicanálise tradicional: o processo de amadurecimento pessoal. Esse processo é gerado, segundo Winnicott, pela 'tendência integrativa' que caracteriza a própria 'natureza humana' (Loparic, 1999, p.134).

Segundo Loparic (1999), como alternativa à tese freudiana de forças em conflito, Winnicott oferece uma teoria do amadurecimento pessoal, em cuja base está a concepção de que o ser humano possui necessidades (*needs*) e urgências (*urges*) básicas que não são necessariamente derivadas das exigências instintuais biológicas ou libidinal-pulsionais. Haveria uma tendência inata para o crescimento e evolução pessoais, tendência que seria desdobrada em múltiplas tarefas e adquiriria espessura e complexificação de acordo com momentos diferentes. A tarefa principal dessa tendência no início da vida se reduz à constituição e manutenção da mera continuidade do ser. Pode-se dizer que este é o germe da idéia, que será retomada mais adiante, de necessidade do ego, que se transforma em desejo, com o tempo e a ajuda do ambiente⁵¹.

A tendência à integração de Winnicott não é nem uma pulsão, nem um mero resultado da fusão de diferentes pulsões. Não se trata de uma força de modo algum, mas de uma urgencialidade originária de outro tipo: a que busca a unidade articulada do si-mesmo, do mundo e da convivência com outro no trato com as coisas, e, à luz dessa múltipla meta originariamente articulada, governa toda a acontecência do ser humano. (...) A vida humana não resulta de uma constelação inicial de pulsões localizadas numa máquina humana e submetidas ao princípio de causalidade universal (chamado de princípio de prazer ou de nirvana), mas da urgência primordial de se constituir ('criar', diz Winnicott) a si-mesmo e ao mundo como uma unidade e de ir ao encontro de outros e de coisas acessíveis nesse tipo de abertura (Loparic, 1999, p.137).

Através da apreciação do conjunto de seus escritos, fica evidente que o vocabulário pulsional, ao menos tal como vinha sendo empregado no meio psicanalítico da época, não se apresentava para Winnicott como uma ferramenta interessante para abordar os fenômenos do início da vida subjetiva, pois este momento não deveria ser compreendido a partir das idéias de descarga e satisfação, das metáforas físico-químicas de Freud, comumente indissociáveis do conceito de pulsão (e nem tampouco em termos de desejos e fantasias inconscientes, como em Klein). Apesar de concordar com a posição de Loparic exposta mais acima, considero importante lembrar que Winnicott reserva sim à pulsão um papel no psiquismo, como será demonstrado ao longo deste capítulo, mas não um papel primário. Isso se deve, além da ênfase dada ao ambiente, ao fato de Winnicott se esforçar para valorizar o plano do vivido experiencial desde

⁵¹ Ou seja, é interessante notar como a idéia de desejo resulta de um processo de transformação das necessidades e que envolve em grande medida uma resposta do ambiente.

o início da vida subjetiva, e não somente o ponto de vista de um observador externo preocupado em mapear o aparelho psíquico.

Uma diferença inequívoca, portanto, que se pode delinear entre Freud e Winnicott a respeito das origens da constituição subjetiva é a idéia de que Freud privilegia relações estabelecidas em um aparelho psíquico, ou seja, relações entre instâncias intrapsíquicas em conflito. O id, em grande parte herdado, encontra-se presente desde a origem, sendo o ego e o superego resultados de diferenciações diretas ou indiretas desse núcleo primitivo (Green, 2005). Em contrapartida, Winnicott, ao descrever os estágios iniciais da vida, raramente se serve do conceito de pulsão. O bebê winnicottiano não é movido por forças pulsionais em conflito, e sim por uma tendência inata para o crescimento. Esta tendência está presente pelo simples fato de ele estar vivo e, sobretudo, por haver um ambiente sustentando e facilitando a realização das tarefas maturacionais que se lhe apresentam (e, na sua fórmula paradoxal, as quais ele deve descobrir). As pulsões ganham importância em um segundo momento, na medida em que o processo de integração se desdobra. Desse modo, pensar a pulsão em Winnicott, exige compreendê-la, de um lado, como uma pressão biológica mais ou menos indiferenciada e próxima do instinto, e, de outro, como produto de outras operações mais fundamentais, de seu ponto de vista, para a constituição da subjetividade.

A questão central é que na teoria e trabalho clínico winnicottianos não é interessante falar de experiência pulsional até que exista alguém ali para vivenciá-la, ou seja, até que um *self* seja estabelecido. Desse modo, pode-se dizer que Winnicott privilegia a concepção de um *self* em vias de integração e personalização, a partir do qual as pulsões vão precisar ser organizadas. De seu ponto de vista, as pulsões vão servir o *self* mais do que constituí-lo. Tal concepção poderia dar a entender que as pulsões existem independentemente do *self* e que o precedem, mas, é importante salientar, para Winnicott, o fundamental não é definir se a pulsão existe independentemente do *self* ou do objeto, já que, para ele, a ênfase sempre será na capacidade de conter a experiência e não no impulso em si mesmo. Para este autor, a teoria do impulso perde sua importância diante da teoria do continente para o impulso⁵².

Percebemos agora que não é a satisfação instintual que faz um bebê começar a

⁵² Seria contraditório, contudo, dar a entender que Winnicott não valoriza a idéia de impulsos primários. Onde incluir sua concepção de gesto espontâneo e agressividade primária, por exemplo? O importante a se ressaltar é que Winnicott não oferece uma teoria dos impulsos, mas uma teoria do amadurecimento pessoal que em sua base é essencialmente não pulsional.

ser, sentir que a vida é real, achar a vida digna de ser vivida. Na verdade, as gratificações instintuais começam como funções parciais e tornam-se *seduções*, a menos que estejam baseadas numa capacidade bem estabelecida, na pessoa individualmente, para a experiência total, e para a experiência na área dos fenômenos transicionais. *É o eu (self) que tem que preceder o uso do instinto pelo eu (self); o cavaleiro deve dirigir o cavalo, e não se deixar levar*⁵³ (Winnicott, 1967c, p.137, grifos meus).

Após essa breve introdução, na qual se tentou deixar claro que a teoria pulsional, embora não seja explicitamente recusada por Winnicott (a não ser no caso da hipótese da pulsão de morte, como será demonstrado mais adiante), ocupa um lugar pouco privilegiado em sua teorização, o objetivo é apresentar o que ele oferece (mesmo que de forma implícita) como alternativa ao enfoque pulsional, bem como os deslocamentos que daí decorrem.

3.1

O *self*, a integração e a experiência

No trabalho de Freud e Klein era difícil encontrar um uso para a idéia de *Self*, os termos essenciais eram as idéias de inconsciente e de instintos, e o inconsciente parecia impedir a validade de qualquer *self* unitário. Para Winnicott, o corpo estava na raiz do desenvolvimento, do qual evoluía uma 'parceria psicossomática'. O *self* era primeiramente e sobretudo um *self* corporal e a 'psique' da parceria 'significa a elaboração imaginativa de partes somáticas, sensações e funções, isto é, vivacidade física' (Phillips).

Pode-se dizer que uma das maiores motivações de Winnicott era o estudo da emergência do *self*, ou melhor dizendo, era o exame das condições de possibilidade para que a experiência pessoal, o verdadeiro *self*, tivesse possibilidade de manifestar-se. No entanto, com o emprego do termo *self*, mais uma vez ele lançava mão, de forma idiossincrática e nebulosa, de um conceito inexistente na teoria psicanalítica tradicional. Além disso, Winnicott freqüentemente empregou as palavras ego, eu e *self* de forma indiscriminada, dificultando uma aplicação uniforme dos termos. De todo modo, para a presente discussão, a clara distinção entre essas palavras não é o que importa, mais interessante é pensar como as concepções em torno do ego e do *self*

⁵³ Vale notar que Freud usa a mesma analogia ao abordar a relação entre o Ego e o Id no artigo homônimo, de 1923. Diz ele: "A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada além. Com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo aonde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar a vontade do id, como se fosse sua própria" (Freud, 1923, p.39).

contribuem para a idéia, muito cara a Winnicott, de experiência pessoal⁵⁴. Segundo Winnicott (1962), a primeira pergunta que se pode formular a respeito do ego é se ele existe desde o início⁵⁵. Sua resposta é que o início é quando o ego começa, acrescida de uma ressalva, em nota de rodapé, de que o começo é uma soma de começos. Essa resposta reforça o que foi dito mais acima a respeito da importância do plano da experiência pessoal, isto é, embora seja evidente que muita coisa nos primórdios da vida precede e prepara a experiência, não interessa falar de um ego desde o início, pois, para Winnicott, o ego e a experiência começam juntos. Afirmar, portanto, que “o início é quando o ego começa” significa dizer que o ‘início’ é o início da experiência pessoal.

Segundo Abram (2000), a função do ego é a de organizar e integrar a experiência. O ego seria um aspecto do *self* que, por sua vez, refere-se à descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, mais precisamente, o *self* está ligado à experiência de sentir-se real. O *self* no começo da vida pode ser descrito como o “potencial herdado que está experimentando continuidade do ser e adquirindo, à sua própria maneira e velocidade, uma realidade psíquica pessoal e um esquema corporal pessoal” (Winnicott, 1960, p. 46). Sabe-se que, para Winnicott, o ego (e, mais ainda, o *self*) é uma emergência, resultado de um processo de integração que depende em grande parte da inter-relação com o meio ambiente. As diferenças que eventualmente delineou entre os dois termos, sugerem que o ego seria anterior ao *self*, referindo-se à “parte da personalidade humana em crescimento que tende, em condições apropriadas, a tornar-se integrada em uma unidade” (1962, p.56). O *self*, mais especificamente, dependeria do desenvolvimento posterior do intelecto, no sentido de uma consciência de si reflexiva. Em 1970, no artigo *Sobre as bases para o self no corpo*, ele ensaia uma síntese a respeito de seu emprego dos termos.

Para mim o *self*, que não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para o exterior no curso do funcionamento do processo maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita. O *self* se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas

⁵⁴ “[D]isse que juntamente com a capacidade para relações interpessoais e de sua elaboração na fantasia e com o mundo pessoal interno da realidade psíquica, há uma terceira coisa, igualmente importante, que é a experiência. A experiência é um constante trânsito na ilusão [*trafficking in illusion*], um repetido alcance do interjogo entre a criatividade e o que o mundo tem a oferecer. A experiência é uma conquista da maturidade do ego para a qual o ambiente fornece um ingrediente essencial. Ela não é, de modo algum, sempre alcançada” (Winnicott, 1952d, p.43, grifos meus).

⁵⁵ Cf. Winnicott, 1962, p.56.

circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O *self* se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. O *self* acaba por chegar a um relacionamento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva (Winnicott, 1970b, p.210).

O processo de integração e emergência do *self* consiste em uma lenta junção, para o bebê, dos pedaços que, do ponto de vista do observador externo, fazem parte dele mesmo, como seus dedos das mãos e pés, por exemplo. Por trás desse processo, haveria algo como uma pulsão biológica, uma tendência herdada para o crescimento, integração e amadurecimento. Tal tendência, contudo, é uma potencialidade, ou seja, precisa de algo a mais para se fazer operante posto que, no começo da vida⁵⁶, o bebê é absolutamente dependente do meio ambiente de forma que a potencialidade do primeiro deve incluir a potencialidade do último⁵⁷. Como se sabe, Winnicott parte de uma indiferenciação primária, um estado fusional, no qual somente um observador externo poderia distinguir entre o indivíduo e o ambiente, sendo mais adequado falar, portanto, de um conjunto indivíduo-ambiente, ao invés de tratar o indivíduo isoladamente.

A integração está intimamente ligada à função de *holding* do ambiente. A conquista da integração é a unidade. Primeiro vem o 'eu', que inclui 'tudo o que não é eu'. Em seguida vem 'eu sou, eu existo, eu reúno experiências e me enriqueço e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o NÃO-EU, o verdadeiro mundo da realidade compartilhada'. Acrescente-se a isso: 'alguém vê ou entende que eu existo'; e, mais adiante, acrescente-se a isso: eu recebo de volta (como um rosto em um espelho) a evidência de que preciso de que fui reconhecido como um ser (Winnicott, 1962, p.61).

A partir dessas considerações, talvez seja possível afirmar que este primeiro 'EU' corresponderia ao ego, enquanto o subsequente somatório de experiências e a evidência do reconhecimento (a consciência de si reflexiva) corresponderiam à emergência do *self*. Com a ajuda adequada do meio, o desenvolvimento do *self* seria um processo natural constituído por três realizações principais, inter-relacionadas, mas não necessariamente consecutivas, que são a integração, personalização e realização (1962). No início da vida, ele postula uma não-integração⁵⁸ da personalidade em uma

⁵⁶ Entende-se que Winnicott, ao mencionar o começo da vida, não está falando da vida extra-uterina exclusivamente. "O começo certamente está em alguma data anterior ao nascimento a termo" (1988, p. 116).

⁵⁷ O bebê "é um fenômeno complexo que inclui o seu potencial e *mais* o seu meio ambiente" (Winnicott, 1969, p.196).

⁵⁸ Cf. Winnicott, 1988, pp.116-121 e Winnicott, 1962, p.61.

unidade, não-integração da qual, pelo estado de dependência absoluta do meio, o bebê não pode ainda se conscientizar.

O bebê que conhecemos como uma unidade humana, seguro dentro do útero, ainda não é uma unidade em termos do desenvolvimento emocional. Se examinarmos [isto] do ponto de vista do bebê (embora o bebê, como tal, não esteja lá para ter um ponto de vista), a não-integração é acompanhada por uma não-consciência (Winnicott, 1988, p. 116).

Winnicott insiste na importância de se diferenciar a desintegração da não-integração. A primeira já pressupõe uma integração mínima, enquanto a segunda refere-se a um ambiente no qual é possível estar não integrado sem o sentimento de despedaçamento⁵⁹. Enquanto a não-integração representa o oposto da integração, a desintegração representa o seu negativo, designando um processo de defesa sofisticado contra as angústias decorrentes da integração, produzindo caos na ausência do ambiente inicial de *holding*. O importante é lembrar que toda idéia de despedaçamento interno é uma visada retroativa, só pode ser percebida depois do estabelecimento do ego como uma unidade. O mesmo poderia ser dito a respeito de um sentimento positivo de plenitude, pois Winnicott sugere uma não-consciência a respeito deste estado inicial que, portanto, não pode ser qualificado pelo sujeito nem como bom nem como mau, nem organizado, nem caótico⁶⁰. Como afirma Green (2000), em Winnicott, o caos não é o estado que precede a ordem, ele já é o resultado da perda de uma ordem mínima.

O caos se torna significativo exatamente no momento em que já é possível discernir algum tipo de ordem. Ele representa uma alternativa para a ordem, e quando o caos em si pode ser percebido pelo indivíduo, ele já se transformou numa espécie de ordem, um estado que se pode tornar organizado como defesa contra ansiedades associadas à ordem (Winnicott, 1988, p.135).

Em relação às três etapas do desenvolvimento do *self*, pode-se dizer sucintamente que a integração corresponde à necessidade de o ego se integrar no tempo e no espaço, diferenciando eu e não-eu. Esse processo leva progressivamente à personalização, momento no qual a pessoa do bebê pode habitar o corpo e suas funções, criando uma membrana limitadora e iniciando

⁵⁹ A experiência de não-integração é a precursora da capacidade de apreciar ficar a sós (*Capacidade de estar só*), podendo ser inclusive encontrada em momentos de relaxamento nas pessoas ditas saudáveis ou na regressão empreendida na análise, onde o analista pode se encarregar das defesas como a mãe outrora fez ou deveria ter feito como ego-auxiliar do bebê.

⁶⁰ “A idéia de um tempo maravilhoso no útero (o sentimento oceânico etc.) é uma organização complexa de negação da dependência. Qualquer prazer que decorra da regressão faz parte da idéia de um ambiente perfeito, e contra esta idéia pesa sempre uma outra, tão real para a criança ou o adulto regredidos quanto a primeira, de um ambiente tão ruim, que não pode haver qualquer esperança de uma existência pessoal” (Winnicott, 1988, p.159).

uma vida psicossomática. Por fim, ele atinge a etapa da realização, ingressando no mundo da relação objetal. A despeito de uma tendência biológica em direção à integração, ele “se desmancha em pedaços” caso o ambiente não faça sua função de continente, de *holding*⁶¹, o qual se caracteriza por “um cuidado psicológico” que, no início, é também um cuidado físico (Winnicott, 1988, p.117).

[O] bebê que não teve uma única pessoa que lhe juntasse os pedaços começa com desvantagem a sua tarefa de auto-integrar-se, e talvez nunca o consiga, ou talvez não possa manter a integração de maneira confiante (Winnicott, 1945, p.224).

O bebê precisa de uma adaptação extrema⁶² do ambiente às suas necessidades nesse início hipotético para que depois haja uma desadaptação gradativa, de acordo com a capacidade que a criança tem de fazer uso do fracasso ou da adaptação. A idéia é que, se tudo corre bem, uma organização mental e ideacional do que pertence ao bebê vai sendo gradualmente organizada de forma pessoal (identidade pessoal, personalização) e, no desenrolar desse processo, há momentos em que ele pode sentir algo como um “eu sou” (Davis, 1985)⁶³. A expressão “se tudo corre bem”, muito empregada por Winnicott, refere-se à provisão ambiental e, mais especificamente, ao conceito de mãe *suficientemente boa*, ou seja, aquela capaz de juntar os pedaços do bebê, integrando-o⁶⁴. Winnicott usa o termo *suficientemente boa* para descrever uma mãe que desempenha suas funções de forma comum, uma mãe que está em um estado de sintonia com seu bebê, que lhe apresenta o mundo em pequenas doses de realidade, e cujos cuidados dispensados atendem não só às necessidades corporais, mas também ao que Winnicott chama de *necessidades*

⁶¹ O termo designa o continente físico fornecido à criança, mas também engloba tudo o que o ambiente fornece anteriormente à idéia de uma vida em comum. Trata-se de uma relação espacial em três dimensões à qual o tempo é adicionado progressivamente. O *holding* materno é o que possibilita manter a continuidade da existência. A expressão utilizada por Winnicott ‘*going on being*’ é propositadamente sem sujeito, para marcar “o sentimento de estar vivo antes do momento em que o bebê se torna sujeito” (Ogden, 2006, p.861).

⁶² “Há dois pontos de vista, e, quando eu digo que o ambiente deve ter um início teórico de adaptação absoluta, estou apenas falando de um ponto de vista: aquele do observador. O bebê ainda não emergiu da identificação primária. (Estamos nos referindo a processos que pertencem bem ao começo – i.e. até mesmo a antes do nascimento)” (Winnicott, 1955, p.88).

⁶³ Em muitos sentidos, a idéia de um *self* em vias de integração está associada a sua proposição a respeito das raízes da agressividade, que será abordada mais adiante, já que uma das implicações deste conceito em Winnicott se refere ao estabelecimento de uma distinção clara entre o *self* e o mundo externo, entre eu e não eu.

⁶⁴ Uma mãe não *suficientemente boa* é aquela que é inconstante, que não oferece a seu bebê os meios de prever, de antecipar certo padrão nas suas respostas “...uma mãe que tataliza sendo alternadamente adaptativa e não adaptativa. É também uma mãe que está em pedaços, como se várias pessoas estivessem cuidando de um bebê, de modo que ele experimenta uma complexidade ao invés de uma simplicidade nos seus cuidados físicos. Na realidade, o que se poderia dizer é que uma mãe ruim é um nome que não se dá a uma pessoa, mas à ausência de alguém que simplesmente goste muito do bebê. *Se a mãe não é suficientemente boa, o bebê falha em integrar ou falha em estabelecer a base para experiências em relação ao que chamaríamos de mundo externo ao bebê*” (Winnicott, 1952d, p.41, grifos meus).

do ego. Ao empregar o termo necessidade, Winnicott enfatiza que os fenômenos do início da vida não podem se restringir às idéias de satisfação ou frustração. De seu ponto de vista, uma necessidade ou é resolvida ou não é. Necessidade do ego é um conceito muito importante em Winnicott, pois representa o que deve ser atendido para que o ego faça o trabalho de apropriação subjetiva das experiências que tecem a sua história (Roussillon, 1999, pp.20-21). As necessidades do ego variam, então, em função da idade do indivíduo e em função do que o ego deve metabolizar⁶⁵. É possível que parte das críticas à obra de Winnicott se deva a essa terminologia, pois, para muitos psicanalistas, ela vai contra as formulações freudianas, rebaixando a pulsão ao nível da necessidade e aproximando-a do instinto. Mas, para Winnicott, não há problema algum em uma aproximação deste tipo, já que a constituição da subjetividade é pensada como um processo, no qual a própria noção de necessidade se insere no contexto de um percurso de amadurecimento que será continuamente ampliado e complexificado. Para Winnicott, portanto, tratava-se de reconhecer que o ego no início é essencialmente corporal e que toda a estrutura da personalidade é construída sobre o funcionamento do corpo, em termos sensoriais e motores, e da fantasia que acompanha esse funcionamento. Para descrever a crescente consciência, o acúmulo de experiências pessoais decorrentes da integração gradual desses elementos sensoriais, ele usa o termo “elaboração imaginativa do puro funcionamento corporal”. Para Winnicott, toda experiência é física e não-física, pois a função corporal será acompanhada e enriquecida por idéias ao mesmo tempo em que o funcionamento do corpo acompanha e realiza a ideação (Winnicott 1950-55, p.289).

Winnicott sugeriu que para o bebê o que há em primeiro lugar são necessidades corporais, e elas se tornam gradualmente necessidades do ego à medida que uma psicologia emerge a partir da imaginação elaborativa da experiência física. *Winnicott não está propondo aqui um conflito entre diferentes tipos de instinto, mas uma metamorfose de um tipo de 'necessidade' em outro* (Phillips, 1988, p.123, grifos meus).

Em *Ego distortions in terms of true and false self* (1960b), ao distinguir entre necessidades do ego e do id, Winnicott sublinha que as necessidades da criança pequena não devem ser reduzidas à satisfação dos instintos, às

⁶⁵ Segundo Roussillon (1999), a idéia winnicottiana de necessidade do ego é acompanhada de um trabalho terapêutico centrado em torno da otimização das capacidades de simbolização do paciente, modificando profundamente o sentido do trabalho interpretativo.

exigências do id⁶⁶. Estas, no início, são sentidas como externas, como vindas de fora, e só com a construção do ego (ou na terminologia que ficou mais clara no fim de sua obra, do verdadeiro *self*), elas podem ser sentidas como pessoais. As exigências do id podem, ao longo desse desenvolvimento, contribuir para o sentimento de realidade (“aglutinando a personalidade de dentro”), mas podem ser traumáticas quando o ego não consegue incluí-las e conter os riscos envolvidos e as frustrações experienciadas até o ponto em que a satisfação se torna um fato. Ou seja, as demandas instintuais passam despercebidas, em silêncio, caso tudo corra bem, mas se, em contrapartida, houver algum problema na função continente do conjunto ego-ambiente, elas são percebidas ruidosamente. Neste último caso, já se poderia supor um possível quadro psicopatológico. Aliás, algumas descrições de Freud e Klein a respeito da criança em desenvolvimento já pareciam a Winnicott configurar algo da ordem de um falso *self*⁶⁷.

Ao reconstruirmos o desenvolvimento inicial de um bebê, não há razão alguma para falarmos de instintos, exceto em termos de desenvolvimento do ego.

Aí existe um divisor de águas:

Maturidade egóica – experiências instintivas fortalecem o ego.

Imaturidade egóica – experiências instintivas estraçalham o ego.

Aqui, ‘ego’ equivale a um somatório de experiências. O eu individual tem como início um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude, e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações; aniquilações resultantes das reações contra as intrusões do ambiente. Por esta razão, é necessário que o indivíduo tenha o seu início nesse ambiente especializado ao qual me referi com o título: *A Preocupação Materna Primária* (Winnicott, 1956a, p.405).

No artigo de 1963, *From dependence toward independence in the development of the Individual*, Winnicott mantém esta mesma linha de raciocínio, afirmando que, nos primórdios da psicanálise, adaptação e satisfação das necessidades instintuais eram sinônimos, e seria interessante alargar essa noção. Sua preocupação era a de acentuar outros aspectos a respeito da vida subjetiva. A mudança de ponto de vista fica clara, é o ambiente que ganha ênfase enquanto agenciador do *self*, e não as pulsões enquanto agenciadoras da satisfação do impulso.

⁶⁶ Winnicott parece compreender a satisfação das necessidades do Id como restrita a um registro orgástico, associado à descarga. Ao se referir ao clímax do orgasmo do eu, em seu artigo sobre a capacidade de estar só, ele transporta o registro dinâmico e econômico da metapsicologia freudiana do campo da sexualidade para o campo das experiências do Eu, sem confundi-los, como fica claro com essa diferença entre necessidades do id e necessidades do ego. Cf. Winnicott, 1958b e Khan, 1981.

⁶⁷ A definição de falso *self* é dada mais abaixo, neste mesmo sub-capítulo.

As necessidades de uma criança pequena [*infant*] não estão confinadas às tensões instintuais, ainda que estas sejam importantes. Há todo o desenvolvimento do ego com suas próprias necessidades. A linguagem aqui é que a mãe 'não decepcione a sua criança', embora ela possa e deva frustrá-la no sentido de satisfazer as necessidades instintuais (Winnicott, 1963b, p.86).

Não é claro por que, para Winnicott, a mãe deve frustrar a satisfação das necessidades instintuais, mas a mensagem principal contida nessa afirmação é que a habilidade da mãe não pode se restringir a satisfazer as pulsões orais de seu bebê com uma boa mamada, por exemplo. É possível ser competente na satisfação alimentar e violar o ego ao mesmo tempo. Winnicott pensa que esse tipo de satisfação pode ser uma sedução traumática caso o bebê não tenha uma "proteção pelo funcionamento do ego" (1962, p.57). Para Winnicott, "[é] tudo uma questão de imposição [*impingement*] ou não imposição na existência do bebê" (1963b, p.86). O *self* individual estaria a perigo especialmente por uma adaptação ao ambiente precoce e forçada.

No estágio que está sendo discutido é necessário não pensar no bebê como uma pessoa que fica com fome e cujos impulsos instintuais podem ser satisfeitos ou frustrados, mas pensar no bebê como um ser imaturo que está o tempo todo *na iminência da ansiedade impensável*. A ansiedade impensável é mantida à distância por esta função de importância vital da mãe neste estágio, sua capacidade de colocar-se no lugar do bebê e de saber de que o bebê precisa no manejo geral do corpo, e conseqüentemente da pessoa (Winnicott, 1962, p.57).

O cuidado materno tornaria possível a integração pessoal, juntamente com a assimilação e o enriquecimento gradual do mundo. Desde cedo o bebê está em busca de contato com uma pessoa, não apenas de satisfação instintual de um objeto⁶⁸. Não se trata apenas de alívio de tensão, mas de busca de relação. Para Winnicott, aliás, a satisfação só é possível na presença real do objeto, não cabendo considerá-la de forma separada do contexto relacional mãe-bebê, cujo papel essencial é proteger o *self* em formação da criança, sua experiência de continuidade, contra interrupções do ambiente. O ego será forte ou fraco, dependendo de como a mãe real e sua habilidade de atender a dependência da criança real funcionam. A insistência nesse tipo de formulação era uma tentativa de chamar atenção para algo que Winnicott acreditava estar sendo negligenciado pela hegemonia da teoria kleiniana e sua ênfase na realidade psíquica e no mundo fantasístico, povoado, desde o início da vida, por processos

⁶⁸ Esta idéia, presente em muitos dos membros do Grupo dos Independentes foi levada ao extremo por Fairbairn que postulou a primazia da busca pelo objeto. Este, e não a gratificação, e não o princípio do prazer, seria o objetivo último da libido - o ser humano estaria "em busca de objeto" e não "em busca de prazer". Segundo Winnicott, Fairbairn tinha algo fundamental a dizer, "algo que tinha a ver com ir mais além das satisfações e frustrações instintuais, até chegar à idéia da busca objetiva" (Winnicott, 1967b, p.441).

muito complexos, como os de projeção.

Estou esperando pelo dia em que alguém do grupo kleiniano será capaz de dizer que a dependência da mãe interna tem uma história na dependência real que existiu no começo, mas Melanie Klein não permitiria isso. Ela diria apenas: 'É claro que eu sempre disse que o ambiente é importante' – sugerindo assim que ela estaria cedendo algo vital, se tivesse que dizer o que eu acabei de colocar em palavras (Winnicott, 1966b, p.159).

A preocupação de Winnicott com a realidade externa e com o sentir-se real o leva a modificar a teoria pulsional, pois, de seu ponto de vista, não é a satisfação instintual que faz o bebê começar a ser, mas o cuidado ambiental. Como foi visto, pode-se dizer que Winnicott considerava a pulsão no início da vida como um impulso global para o amadurecimento, uma espécie de instinto vital, que só adquire significância na experiência do sujeito a partir de um segundo momento, no qual os estímulos podem ser contidos pelo *self*, já que seu excesso poderia ser traumático. De qualquer forma, ele estava preocupado em como a pulsão poderia ser integrada à experiência e descreveu essas manifestações sentidas pelo *self* imaturo como vindas de fora, como um trovão. Ou seja, o que é importante sublinhar aqui é o fato de Winnicott questionar a origem interna da pulsão.

Deve-se enfatizar que no que diz respeito à satisfação das necessidades do bebê eu não estou me referindo à satisfação dos instintos. Na área que estou examinando os *instintos ainda não estão claramente definidos para o bebê como internos. Os instintos podem ser tão externos quanto o barulho de um trovão ou de uma batida*. O ego do bebê está criando força e conseqüentemente chegando a um estado no qual as demandas do id serão sentidas como parte do *self*, e não como ambientais. Quando este desenvolvimento ocorre, a satisfação do id torna-se então um importante fortalecedor do ego, ou do Verdadeiro *Self*, mas as excitações do id podem ser traumáticas quando o ego ainda não é capaz de incluí-las e ainda não é capaz de conter os riscos envolvidos e as frustrações experimentadas até o ponto em que as satisfações do id se tornam um fato (Winnicott, 1960b, p.141, grifos meus).

A citação acima confirma que, para Winnicott, o que vem de fora deve ser apropriado pelo sujeito para ser usado. Progressivamente, portanto, à medida que o eu se consolida, os instintos passam a ser sentidos como internos, como partes do *self* e não do ambiente. As condições facilitadoras do ambiente serão fundamentais nesse processo. Como afirma Reid (2002), “[e]sta concepção da pulsão se inscreve em um novo quadro epistemológico, em ruptura/continuidade com aquele de Freud, um quadro no qual originalmente o psiquismo individual não existe” (p.1158). Em Winnicott, não se pode falar em um psiquismo individual estanque, enquanto estrutura, com uma localização tópica definida. O principal é a idéia de movimento que está implicada em suas definições, a idéia

de um equilíbrio sempre a se ajustar. Assim, o *self* inclui não só a idéia de pessoa total, de indivíduo, mas o contexto no qual está inserido e a partir do qual age. Winnicott afirma que “[a] unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo⁶⁹. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo, ele se encontra na situação global”. É apenas através do cuidado suficientemente bom e do *holding* e manejo gerais que “a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo” (Winnicott, 1952a, p.166).

Como foi visto, caso o ambiente desempenhe de forma suficientemente boa sua funções, ele permitirá que o crescimento pessoal tenha lugar, mantendo os processos do eu em atividade para seguir uma linha de crescimento sem interrupções graves. Nesse sentido, paradoxalmente, o ego do bebê existe de forma poderosa, pois seu potencial e organização são garantidos pela mãe ou figura materna, através do apoio que fornece ao ego. Nas palavras de Winnicott, esse apoio possibilita às crianças médias a construção de “uma estrutura sobre a acumulação de confiabilidade introjetada” (Winnicott, 1967a, p.153). Em contrapartida, caso o ambiente não se comporte de modo suficientemente bom, só resta ao indivíduo reagir à intrusão, interrompendo os processos do eu. Se este estado de coisas atinge certo limite quantitativo, o núcleo do eu passa a ser protegido, o que implica em um mecanismo muito organizado de defesa do ego sob a forma de um *self* auto-maternante, o falso *self*⁷⁰. Para Winnicott, o falso *self* protege a integridade do *verdadeiro self*, ou melhor dizendo, ele esconde a realidade interna, a vitalidade do bebê. Este mecanismo de defesa pode atingir vários níveis, desde uma adaptação social normal e saudável até um nível mais patológico, o qual corresponderia a uma verdadeira clivagem do *self* entre verdadeiro e falso, este último, totalmente submisso às imposições do ambiente, podendo dominar a personalidade e ser tomado como a única realidade existente.

Em *Ego distortions in terms of true and false self*, de 1960, Winnicott afirma que sua divisão em verdadeiro e falso pode ser associada à divisão de Freud do *self* “em uma parte que é central e movida pelos instintos (ou pelo que Freud chamou sexualidade, pré-genital e genital), e uma parte que está voltada para

⁶⁹ Vale lembrar que esta é a definição de narcisismo primário para Winnicott: o estado no qual o que se percebe como sendo o ambiente do bebê e o que se percebe como sendo o bebê constituem, de fato, uma unidade. Para Winnicott, portanto, o narcisismo primário não é um estado de isolamento intrapsíquico (Winnicott, 1988, p.158).

⁷⁰ A terminologia ‘falso’ refere-se à ausência da “impulsividade pessoal”. O verdadeiro *self* é o depositário das experiências de vivacidade [*aliveness*], enquanto o falso *self* é um mecanismo de defesa precoce em resposta à interrupção da continuidade de existência do indivíduo.

fora e relacionada ao mundo” (Winnicott, 1960b, p.140). Mas, em realidade, sua classificação difere enormemente da de Freud, pois se trata de algo que ocorre no contexto da interação mãe-bebê e não de uma organização defensiva contra os impulsos do id. Embora certamente se possa dizer que a sexualidade estaria incluída no verdadeiro *self*, para Winnicott, tratar-se-ia de um fenômeno posterior. O verdadeiro *self* não emerge da sexualidade, mas da relação inicial de mutualidade, ou seja, de uma sustentação na qual a “coisa principal é uma comunicação entre bebê e mãe em termos da anatomia e fisiologia de corpos vivos” (Winnicott, 1969, p.200). O que conta aí são os ritmos da respiração, os batimentos cardíacos, a temperatura do corpo. Como diz Winnicott, é justamente dessas “provas cruas de vida” que é feito o *verdadeiro self*. “O verdadeiro *self* deriva do vigor dos tecidos corporais e do andamento das funções corporais” (Winnicott, 1960b, p.148). Como o próprio Winnicott define, se no estágio das primeiras relações objetais

(...) a criança está na maior parte do tempo não-integrada, e nunca totalmente integrada; a coesão dos variados elementos sensório-motores se deve ao fato de que a mãe sustenta a criança, às vezes fisicamente, e todo o tempo figurativamente. Periodicamente o gesto da criança dá expressão a um impulso espontâneo. A fonte do gesto é o verdadeiro *self*, e o gesto indica a existência de um potencial verdadeiro *self* (Winnicott, 1960b, p.145).

Vê-se que Winnicott concebe a existência do verdadeiro *self* antes mesmo da integração do *self* ter-se estabilizado. Isso poderia constituir um problema em seu argumento, mas provavelmente o que ele quer ressaltar com esta afirmação é apenas a presença do caráter potencial do verdadeiro *self* desde o início. Aliás, o verdadeiro *self*, como acertadamente define Bollas (1996), não é uma entidade (com uma significação inconsciente), ele é a própria experiência, da qual depende para sua expressão, pois existe unicamente através dela. O verdadeiro *self* não é, portanto, algo inerte e palpável.

No fim de sua vida, Winnicott desenvolve a idéia de um verdadeiro *self* não comunicado e incomunicável, considerando-o, em parte, inacessível⁷¹. Na verdade, segundo Phillips, Winnicott desenvolveu uma teoria negativa do *self*, o verdadeiro apenas sendo inferido através de tudo o que o falso, este sim

⁷¹ “Sugiro que na saúde há um núcleo da personalidade que corresponde ao verdadeiro *self* da personalidade clivada; eu sugiro que este núcleo nunca se comunica com o mundo do objeto percebido e que o indivíduo sabe que ele nunca deve ser comunicado ou influenciado pela realidade externa. (...) Ainda que as pessoas sadias se comuniquem e gostem de se comunicar, o outro fato é igualmente verdadeiro, o de que *cada indivíduo é um ser isolado, permanentemente não comunicante, permanentemente desconhecido, na verdade, não encontrado*” (Winnicott, 1963c, p.187). Na clínica, o analista deve permitir que o analisando comunique que não está comunicando e deve também saber distinguir essa manifestação de outra, esta sim patológica, associada à falha na própria capacidade de comunicação.

observável, não é.

Ele era um pragmático com uma teoria essencialista que postulava a existência de um Verdadeiro *Self* enraizado no corpo, fazendo parte dele, por assim dizer, mas um corpo sem conotação erótica. O impulso não era para o prazer, mas para o desenvolvimento, e as fundações da teoria psicanalítica precedente – o Inconsciente e os Instintos – foram incorporados por este projeto. A vida do bebê começava não exclusivamente no conflito, mas na mutualidade; de fato, o conflito em excesso distorcia o desenvolvimento natural. Nos primeiros estágios do desenvolvimento havia, por assim dizer, um socialismo rudimentar, uma forma de vida, sugere Winnicott, baseada no intercâmbio colaborativo (ou talvez mais exatamente, para usar o termo de Wordsworth, ‘dominação mútua’) (Phillips, 1988, p.97).

Assim, tentou-se mostrar que, segundo Winnicott, o ser humano não vem ao mundo dominado por pulsões parciais e auto-erotismo, como em Freud, nem pela posição esquizo-paranóide, como em Klein, e sim pela necessidade de construir uma unidade integrada, o *self*, para dar conta das experiências pessoais resultantes dos momentos excitados e do encontro com a realidade externa. Para Winnicott, inversamente a Freud, a experiência não começa com a sexualidade. A criança começa a vida com a tarefa de habitar seu próprio corpo que, por sua vez, não era constituído por uma batalha entre instintos opostos, mas por uma tendência à integração sustentada pelo meio ambiente.

3.2 A agressividade e criatividade primárias

Enquanto os analistas se esforçam na descrição da psicologia do indivíduo e dos processos dinâmicos de desenvolvimento e organização defensiva, e para incluir impulso e pulsão em termos do indivíduo, aqui, nesse ponto onde a criatividade passa a existir, ou não (ou, alternativamente, se perde), o teórico tem de levar em conta o meio ambiente, e nenhuma afirmação que se refira ao indivíduo como ser isolado pode tocar o problema central da fonte da criatividade (Winnicott).

Tendo sempre como fio condutor a pergunta inicial, ou seja, qual seria o lugar da pulsão em Winnicott, cabe agora abordar seu posicionamento a respeito da agressividade e criatividade primárias, ambas ligadas ao conceito de verdadeiro *self*. Dessa forma, é fundamental apresentar sua crítica à teoria da agressividade que, na época, era intrinsecamente associada ao conceito de pulsão de morte⁷². Winnicott por diversas vezes afirmou não ver valor algum na

⁷² As críticas de Winnicott à pulsão de morte serão mais uma vez retomadas no último item deste capítulo.

parte da teoria freudiana sobre a pulsão de morte⁷³, chegando a afirmar que as pulsões de vida e de morte eram o único erro grave de Freud. Mas é importante lembrar que os protestos de Winnicott não eram dirigidos a Freud, e sim ao uso abusivo daqueles conceitos por parte dos membros do grupo kleiniano da Sociedade Britânica de Psicanálise.

É uma pena que Melanie Klein tenha feito tanto esforço para adotar os instintos de vida e de morte, os quais talvez sejam o único tropeço de Freud. Não preciso lembrá-lo de que ele tinha muitas dúvidas em relação a eles quando introduziu o conceito pela primeira vez; e também que o termo instinto de morte sofre mais abusos do que qualquer outro termo em nossa Sociedade e é usado no lugar da palavra agressão ou impulso destrutivo ou ódio de uma forma que teria horrorizado Freud, tenho certeza (Winnicott, 1952d, p.42).

A interpretação kleiniana da pulsão de morte foi, aliás, um dos desencadeadores das Controvérsias dos anos 1940. Melanie Klein considerava a pulsão de morte como uma manifestação concreta, direta e inata, sinônima de agressão. Para ela, portanto, inveja, ódio e sadismo, manifestações da pulsão de morte, estavam presentes já no bebê recém-nascido. Em Winnicott, inversamente, é o ambiente que influencia a forma de lidar com a agressão inata que, como será visto mais abaixo, não possui para o bebê um aspecto destrutivo no início. De seu ponto de vista, o termo pulsão de morte era empregado anarquicamente como sinônimo de várias outras noções, como destrutividade, raiva e ódio, sem que houvesse uma verdadeira discussão a respeito. Em realidade, parecia-lhe que o conceito, além de não acrescentar nada, confundia mais do que esclarecia. Em uma carta a Hans Thorner ele deixa explícita a sua insatisfação com os rumos do uso do conceito na Sociedade.

Gostaria de dizer, no entanto, que é muito confuso na Sociedade quando vários termos são usados como se fossem totalmente aceitos. Tenho certeza de que você sabe exatamente o que quer dizer quando diz: 'partes perigosas...derivativos do instinto de morte...devem ser expelidos' etc.etc. Eu mesmo não sei o que você quer dizer e pelo menos metade da Sociedade terá a impressão de que você está simplesmente dizendo 'instinto de morte' ao invés de usar as palavras 'agressão' e 'ódio'. Você poderá sentir que isso é muito pouco importante, como de fato é no contexto do seu artigo, mas seria de grande valor na Sociedade se pudéssemos encontrar uma linguagem comum. Em algum outro momento, quando não tiver nada para fazer, você consideraria reescrever aquela frase sem usar as palavras 'instinto de morte', apenas em meu benefício? (Winnicott, 1966a, p.154).

Para Winnicott, o conceito de pulsão de morte teria sido a saída encontrada por Freud na ausência de uma melhor explicação para as forças operantes no início da vida, mais especificamente, seria resultado do

⁷³ Cf. Winnicott, 1956b, p.109.

desconhecimento de algo que Winnicott denominou impulso de amor primitivo. Vale conferir as próprias palavras de Winnicott a esse respeito:

[D]o meu ponto de vista é um conceito que Freud introduziu porque não tinha noção alguma sobre o impulso de amor primitivo. Em uma discussão, trazer a palavra instinto de morte não seria de utilidade alguma a não ser que você retornasse diretamente a Freud e falasse sobre a tendência dos tecidos orgânicos a voltar para o estado inorgânico, o que, no que concerne à psicologia, não significa nada além da afirmação do óbvio. E provavelmente nem é verdade, mesmo em sua forma mais simples e crua (Winnicott, 1952d, p.40).

Persuadido de que o conceito de pulsão de morte era inútil e que representava apenas um jeito canhestro de abordar a questão da agressividade, Winnicott propôs rediscutir as bases dessa teoria em outros termos, privilegiando o papel do meio ambiente ao invés do da hereditariedade.

Segundo meu ponto de vista, tanto Freud quanto Klein (...) refugiaram-se na hereditariedade. O conceito do instinto de morte poderia ser descrito como uma reafirmação do princípio do pecado original. Já tentei desenvolver o tema de que tanto Freud quanto Klein evitaram, assim procedendo, *a implicação plena da dependência* e, portanto, do fator ambiental (Winnicott, 1971a, p.102, grifos meus).

Para ele, os problemas do mundo não eram causados pela agressividade humana, mas pela repressão dessa agressividade no indivíduo. Para seguir essa pista, ele vai se interessar pelo significado positivo da agressividade, enquanto sinônimo de motilidade, de força vital. Para tanto, ele se volta para a observação dos movimentos das crianças prematuras, em busca de uma indicação do que acontece da ordem da vivacidade no estado fetal⁷⁴. O conceito de agressividade em Winnicott representa, portanto, uma das raízes da energia viva (*living energy*). Nesta energia há também amor, no sentido mais corporal, levando posteriormente para a sexualidade, genitalidade e relação objetal, mas, ele sublinha, muito do que fundamenta o motor da vida consistiria em atividade construtiva que tem como pano de fundo a agressividade. “Em minha opinião, o impulso agressivo inerente é extremamente poderoso e faz parte do instinto que pede por relacionamentos. Ele é, portanto, uma parte essencial do impulso de amor primitivo” (Winnicott, 1952d, p.40).

Assim, Winnicott apresenta uma teoria da agressividade primitiva, ligada à raiz da motilidade e não uma teoria da agressividade intencional, que, por sua vez, seria reativa. Em sua proposição, as pulsões agressivas associam-se ao

⁷⁴ “Pessoalmente estou muito interessado pelo estudo dos movimentos nas crianças prematuras que podem dar uma indicação do que acontece no estado fetal que ateste vida e vivacidade. Por exemplo, ocorreu com frequência em uma análise que eu interpretasse uma cobra não como um símbolo fálico, mas como um símbolo do *self* inteiro da criança como representado no corpo e em movimentos do corpo que são característicos na época em torno da data de nascimento” (Winnicott, 1957, p.111).

movimento, a algo que chamou de “força vital” e não à raiva ou ao ódio, emoções mais elaboradas que aparecem em um período posterior, associado à integração da personalidade. É importante ressaltar, contudo, que essa força vital se assemelha mais a um movimento do que a um estímulo. Desse modo, a agressividade, que é inicialmente sinônima de atividade e motilidade, adquire um caráter destrutivo “por acaso”. No artigo *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950-5), ele trabalha detidamente essas raízes, propondo uma agressividade não tributária da idéia de pulsão de morte, como em Freud e Klein, e tampouco relacionada a uma reação à frustração. Essa agressividade estaria mais ligada ao movimento de expansão e expressão do *self*. Daí se podem depreender duas formas de agressividade: uma que vem simplesmente da expansão individual, do prolongamento do gesto espontâneo e que culmina em uma inserção no mundo e na existência, e outra que seria reativa, constituindo-se em um mecanismo de defesa contra um gesto exterior que se impôs e inibiu a expansão espontânea do bebê.

Para Winnicott, portanto, o desenvolvimento saudável é aquele no qual os impulsos do feto (ou bebê) o levam a descobrir espontaneamente os objetos do mundo externo, sendo o ambiente uma oposição sentida nesse movimento, o que colabora no sentimento verdadeiro do ser. A partir dessa oposição, inicia-se o processo de reconhecimento de algo externo, um não-eu, que define o eu. Em um padrão teórico de saúde, como se vê no gráfico⁷⁵ abaixo, o indivíduo isolado, sustentado por seu ambiente (1), ao movimentar-se, descobre e redescobre o ambiente sucessivas vezes (2). Assim, abre-se a possibilidade de o contato ambiental ser aceito (3).



A relação com o ambiente é aceita porque reconhecida como uma experiência espontânea do indivíduo (embora o ambiente esteja lá, sendo “suficientemente bom” e dando a sustentação necessária para que isso aconteça) e não como uma imposição. Winnicott usa como analogia a imagem de uma bolha na qual a pressão externa está adaptada à pressão interna, permitindo que a bolha continue existindo (no caso de um bebê humano seria

⁷⁵ Adaptado do artigo *Psicose e cuidados maternos*. Cf. Winnicott, 1952b, p.309.

mais correto dizer sendo, *being*). Se a pressão externa for maior ou menor do que a interna, a existência da bolha fica ameaçada e ela será compelida a modificar-se como reação à mudança ambiental e não em função de um impulso próprio. Em um padrão patológico extremo, há o isolamento primário do indivíduo (1), seguido de uma intrusão provocadora de uma resposta reativa (2), e uma volta ao isolamento como forma de garantia da existência individual (3).



Esse último estágio pode assumir diversos graus, chegando até a uma falha na capacidade de transformar-se num indivíduo. “O indivíduo desenvolve-se, então, mais como uma extensão da casca do que como uma extensão do núcleo, ou seja, como uma extensão do ambiente invasor” (Winnicott, 1950-5, p.297). Dessa forma, nos casos patológicos, a intrusão do ambiente gera uma reação que esgota a “força vital” e impede a instauração do *self*. Ao invés de experiências individuais, o que ocorre são reações à intrusão⁷⁶. No lugar do verdadeiro *self*, instala-se um falso para proteger o núcleo do verdadeiro, que permanece isolado em decorrência da experiência reativa.

À medida que o bebê cresce, dependendo do tipo de ambiente em que ele se encontra, a agressividade primária pode ou integrar-se como um sinal de saúde, ou manifestar-se destrutivamente, como nas tendências anti-sociais⁷⁷. A integração da agressividade se dá paulatinamente, enquanto a criança se desenvolve, sendo a motilidade subordinada a outras funções corporais e acompanhada da fantasia que, por sua vez, também se complexifica. Assim, fantasias de destruição mágica, formuladas como “eu te chuto e te coloco lá longe”, ou “eu fecho meus olhos e o mundo é aniquilado”, são usadas pela criança na separação entre o que é do *self* e do ambiente, eu e não-eu, exercício que leva, ao mesmo tempo, à descoberta da interioridade e dos objetos como externos. Davis (1985) sublinha que Winnicott descreveu esses primeiros esboços de sentimento de existência individual (“Eu sou”) como momentos de extrema exposição para o indivíduo, que muitas vezes necessitará de um *holding*

⁷⁶ É curioso notar que, para Winnicott, as respostas à intrusão do ambiente, as reações, não são consideradas experiências. Ver citação da nota 54, mais acima, na qual Winnicott define a experiência como uma conquista do ego nem sempre alcançada.

⁷⁷ É importante lembrar, no entanto, que, para Winnicott, a tendência anti-social é um sinal de esperança, mesmo que, do ponto de vista da sociedade seja algo evidentemente bastante desconfortável.

físico, de um suporte egóico, para experienciar a integração como parte dele mesmo. Isso porque com o “Eu sou” vem o “Você é” (e a possibilidade de retaliação real, já que o objeto agora está fora da área de controle onipotente)⁷⁸. Segundo Winnicott, em relação ao conjunto total ambiente-indivíduo, a integração produz um paranóico em potencial (Winnicott, 1952b, p.313). Winnicott evoca aqui, a figura de Humpty Dumpty, um personagem infantil em forma de ovo, com uma gravata separando o rosto do restante do corpo. Para Winnicott, a imagem de Humpty Dumpty em cima do muro representa a fragilidade do indivíduo que acabou de emergir da fusão com o ambiente e alcançou a integração, estando, dessa forma, sujeito a uma desintegração frente à precariedade e vulnerabilidade do momento. Com a questão da agressividade primária, portanto, Winnicott insiste no fato de a externalidade ser criada a partir do impulso de expansão espontâneo do indivíduo.

Na teoria ortodoxa encontra-se sempre o pressuposto de que a agressão é reativa ao encontro com o princípio da realidade, enquanto que aqui é a pulsão destrutiva que cria a qualidade da externalidade. Isto é central à estrutura de meus argumentos (Winnicott, 1968b, p.176).

Essa diferença entre as duas concepções, a da teoria ortodoxa e a de Winnicott, fica clara no artigo *O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações* (1968b), no qual ele afirma ser a agressividade do gesto impulsivo e espontâneo do recém-nascido que o leva a necessitar, primeiramente, de um objeto externo. Este gesto, ao voltar-se para o exterior, encontra oposição. A resistência confere realidade a essa experiência que, por sua vez, facilmente se funde às experiências eróticas. “Estou sugerindo que *é esta impulsividade e a agressividade que dela deriva que levam o bebê a necessitar de um objeto externo*, e não apenas de um objeto que o satisfaça” (Winnicott, 1950-5, p.304). Em *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950-5), Winnicott afirma que, embora o gesto impulsivo e espontâneo, chamado de impulso do amor instintivo, tenha um aspecto destrutivo, não há na criança a intenção de destruir, visto que esses impulsos pertencem a uma etapa anterior à ambivalência, ou seja, anterior à possibilidade de se preocupar e sentir piedade pelo objeto (p.296). Assim, Winnicott (1954-5) descreve a criança como impiedosa (*ruthless*)⁷⁹ em seu amor instintivo, porque não percebe as conseqüências de sua agressividade.

⁷⁸ “Se eu sou, então eu juntei isto e aquilo e reivindiquei isso como sendo eu, e repudiei todo o resto; ao repudiar o não-eu, por assim dizer, insultei o mundo, e devo esperar ser atacado”. (Winnicott, 1968c, p.57). Cf. também Winnicott, 1988, p.124.

⁷⁹ Essa questão será retomada no próximo item desse capítulo.

O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar (Winnicott, 1950-5, p.289).

A agressividade tem como consequência, caso o ambiente faça seu papel de oposição e não de retaliação, a destruição do objeto subjetivo e, dessa forma, a possibilidade de percebê-lo no mundo externo como algo dotado de vida própria que, afinal, pode ser usado. O bebê é impiedoso do ponto de vista do observador, pois como o impulso primitivo é anterior à piedade, a criança só se sente cruel numa perspectiva retroativa, quando atinge a integração e olha para trás. Se o bebê é compelido a ocultar sua “crueldade” em razão de um ambiente que não tolera a agressão, pode ocorrer uma dissociação.

O amor implacável ou impiedoso está relacionado à criatividade primária, à sensação individual de realidade da experiência e do objeto. Como afirma Costa (2004), a agressividade primária faz parte de uma ação criativa que “só se satisfaz ao encontrar um objeto resistente à pulsão agressiva, ou seja, um objeto que se deixe usar sem perder todas as suas propriedades originais” (p.121). A criatividade surge então do encontro do gesto espontâneo e expansivo com a resistência do ambiente. Maleabilidade e oposição, aliados numa tensão ótima, são, portanto, as características necessárias, segundo Winnicott, para conferir a sensação individual de realidade de uma experiência⁸⁰. Para Winnicott, afirmar que existe uma criatividade primária implica em aceitar que o ser humano não só projeta o que foi anteriormente introjetado ou excreta o que foi introduzido. Ou seja, a criatividade (e também a agressividade) não pode ser apenas compreendida enquanto processo dinâmico ou como organização defensiva da psicologia individual tomada de forma isolada.

O *self* verdadeiro da criatividade primária de Winnicott é um *self* desatento para os perigos, é um *self* que, por mais longe que esteja em seu movimento de conquista de independência será sempre dependente do outro para o exercício de sua criatividade. O *self* verdadeiro é um *self* ecológico⁸¹ (Souza, 2007, p.336-7).

A criatividade primária depende do amparo e da resposta do objeto e,

⁸⁰ Segundo Abram (2000, p.2), “a criatividade primária ou primitiva unida a um *self* implacável” constituiria a versão winnicottiana da pulsão de vida.

⁸¹ *Self* ecológico é um conceito introduzido pelo psicólogo Neisser para definir um *self* pré-reflexivo que se constitui na sua abertura e experiência no mundo. “As condições externas físicas e sua exploração perceptiva ativa provêm o que Neisser chama de *self* ecológico e o que Eleanor Gibson chama ‘o nível mais básico do *self* que coleta informações sobre o mundo e interage com ele’ (Gibson, 1993, p.41)” (Pickering, 1999, p.71). Tal diferença corresponde à descrição feita por Merleau Ponty (1999) de um *self*, cuja sensibilidade tácita não reflexiva constitui nossa presença primária no mundo.

nesse sentido, ela é uma criatividade potencial que se refere à idéia de autenticidade. A contribuição pessoal de Winnicott à noção de criatividade é mostrar que ela deve ser reconhecida, não tanto pela originalidade da produção final, mas pela sensação individual de realidade da experiência. Para Winnicott (1971a, p.98), a criatividade deve ser desvinculada da atividade artística, pois ela não exige talento especial, trata-se de uma proposição universal relacionada ao estar vivo e à saúde. A criatividade, em suma, é a descoberta de um modo de existir como si mesmo. Dessa forma, embora o impulso criativo seja necessário na produção de uma obra de arte, é também algo que se faz presente quando, qualquer pessoa, em qualquer momento da vida, “se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical” (p.100). A esse respeito, Pontalis considera ser um pouco abusiva a afirmação bem humorada de Winnicott de que podemos ser tão criativos cozinhando ovos quanto Schumann compondo uma sonata. Mesmo assim, o autor não nega que há algo de interessante nessa idéia.

Temo que Winnicott esteja aí um pouco enganado por conta de seu amor pela criança (e pela mãe). Dito isto – e ainda assim eu recuso o conceito, mas reconheço a coisa –, falando de criatividade, Winnicott nos lembra que o mundo de nossas percepções é letra morta se não for animado por um olhar. Nesse sentido, nós criamos o mundo... mas ele já está lá (Pontalis, 1999, pp.197-198).

Segundo Winnicott (1971a) “é através da apercepção⁸² criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida” (p.95). A possibilidade de a criança criar um contato com seus próprios estados internos de forma criativa se dá a partir do olhar do outro, isto é, a criança só pode olhar e criar o mundo se antes tiver tido a experiência de ser vista⁸³. Desse modo, Winnicott sublinha a importância das primeiras comunicações que se dão através do espelho do rosto da mãe, no qual a criança pode ver refletida ou ela mesma ou a mãe. Se um bebê não consegue ver-se refletido no olhar da mãe, se precocemente percebe a imagem dela ao invés da sua, a constituição do objeto subjetivo fica comprometida, sua capacidade criativa se atrofia e ele buscará outro meio para que o ambiente reflita alguma coisa que lhe seria própria. Compreende-se que algo da ordem do falso *self*, através da imposição de uma imagem conforme o desejo da mãe, pode começar a atrofiar a possibilidade de expressão do verdadeiro *self*. Nesse caso, a apercepção é

⁸² Apercepção é a apreensão reflexiva que a mente tem de seus próprios estados internos. Cf. Blackburn, 1997.

⁸³ Cf. Winnicott, 1967d.

substituída pela percepção, perdendo-se a possibilidade de troca significativa com o mundo e de “um processo de duas direções, no qual o auto-enriquecimento se alterna com a descoberta do significado no mundo das coisas vistas” (Winnicott, 1967d, p.155).

No artigo *A criatividade e suas origens*, de 1971, após relembrar a idéia de que homens e mulheres possuem predisposição à bissexualidade, ele afirma que a criatividade constitui um dos denominadores comuns de homens e mulheres, mas que apresenta especificidades ligadas ao feminino e ao masculino. Neste artigo, Winnicott incluiu um trabalho apresentado cinco anos antes na Sociedade Britânica, no qual introduz dois novos termos, o elemento feminino e o elemento masculino, para abordar duas formas de relação objetal, uma delas baseada na necessidade de ser, constituindo-se uma experiência não pulsional, e outra baseada no fazer, implicando a experiência pulsional e uma separação clara entre sujeito e objeto. Winnicott tem essa intuição a partir de um caso clínico, que já se tornou célebre, no qual assinala a um paciente do sexo masculino o contato com o elemento feminino de sua personalidade: “Estou ouvindo uma moça. Sei perfeitamente bem que você é um homem, mas estou ouvindo e falando com uma moça. Estou dizendo a ela: você está falando sobre inveja do pênis” (Winnicott, 1971a, p.105). Juntamente com o paciente, percebe que, provavelmente, muito cedo em sua vida, a mãe o tomou por uma menina e que, agora, tal como ela, o analista participava da mesma loucura, a partir de seu lugar na transferência.

A teorização de Winnicott a respeito dos elementos feminino e masculino é bastante obscura e inconclusiva. Existiria no *self* de qualquer sujeito, independentemente do sexo, elementos femininos e masculinos em doses variáveis. No caso clínico específico trazido como ilustração, ele estava lidando com uma dissociação quase completa dos dois elementos no *self*, ou seja, com o que poderia ser denominado *elemento feminino puro*. Os elementos feminino e masculino puros podem ser diferenciados em bases bastante claras.

Desejo dizer que o elemento que estou chamando de ‘masculino’ transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subseqüentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfações subsidiárias. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de que *o bebê torna-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito*. Não consigo ver impulso instintivo nisso (Winnicott, 1971a, p.113).

Como foi visto, esses dois elementos não são, em si mesmos, de caráter

pulsional, trata-se de duas formas de relação objetal: a relação com objetos subjetivos e a relação com os objetos objetivamente percebidos. O elemento feminino puro, portanto, relaciona-se com o seio como um objeto subjetivo, isto é, um objeto que ainda não foi colocado fora da área de onipotência e reconhecido como *não-eu*, ele faz parte da relação fusional mãe-bebê. O elemento feminino puro é associado à experiência de identificação primária, na qual o bebê é o objeto e vice-versa. Já o elemento masculino puro diz respeito ao movimento ativo do bebê para estabelecer um eu e um não-eu diferenciados, fazendo parte do processo de separação. Para que haja um sentimento de *self*, esses elementos, oriundos de uma determinada fase do desenvolvimento, têm que ser integrados.

Segundo Winnicott, o viver criativo está ligado à junção desses dois elementos, o *ser* do elemento puro feminino com o *fazer* do masculino, nessa seqüência. Ele sugere uma sucessão temporal ideal no desenvolvimento que, partindo da área subjetiva de controle onipotente, prepararia o caminho para o sujeito objetivo, com um *self* integrado em uma unidade e uma sensação de realidade a ele associada. Seguindo sua máxima, “[a]pós ser – fazer e deixar-se fazer. Mas ser, antes de tudo” (Winnicott, 1971a, p.120), em primeiro lugar há o elemento feminino, do lado da experiência de ser e exigindo muito pouca estrutura mental, em seguida, o elemento masculino, mais complexo, do lado do fazer e da dimensão pulsional, apresentando mecanismos mentais elaborados, e, por fim, mais adiante, pode-se pensar que esse desenvolvimento conduzirá à constituição do desejo. Toda essa evolução, no entanto, encontra suas bases na experiência fundamental de *ser*, ancorada em uma existência ainda não individualizada.

Em resumo, o elemento masculino *faz* e o elemento feminino (em homens e mulheres) *é* e, desse modo, é ele que fornece alicerce para o *fazer*, isto é, para o desenvolvimento das experiências pulsionais referentes ao elemento masculino puro da personalidade. Por isso, Winnicott afirma que este último está ligado à idéia de frustração, enquanto o elemento feminino puro está ligado à idéia de mutilação, dando a entender que os distúrbios que podem eventualmente ocorrer na época em que mãe e bebê são uma unidade dual levam às ansiedades impensáveis e às experiências de falta de realidade justamente pela ruptura da experiência de continuidade do ser.

Agressividade e criatividade primárias são, assim, conceitos muito próximos, pois ambos estão ancorados na idéia de uma continuidade entre interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, entre psiquismo e corpo. Ambos os

conceitos estão ligados à idéia do ser como uma emergência da vitalidade dos tecidos vivos e fonte dos primeiros gestos espontâneos, gestos que dependem da qualidade do acolhimento do ambiente para adquirir um contorno existencial e, assim, proporcionar as bases do verdadeiro *self*. Tal parece ser o objetivo de Winnicott com este conceito, o de, mais uma vez, fundamentar, na clínica, a importância capital da experiência de ser e do sentimento de existência para o processo gradual de emergência do *self*.

3.3 Os estados tranqüilos e excitados

Pode haver uma grande discrepância entre aquilo de que gostamos quando estamos excitados e aquilo de que gostamos nesse ínterim (Winnicott).

Winnicott parte da idéia de que uma força vital unificada se divide, nos primórdios da vida psíquica, em dois componentes: o agressivo, nascido da oposição, e o erótico, nascido da complementaridade. A saúde deve ser vista em termos de fusão dos impulsos eróticos e destrutivos, o que depende dos cuidados ambientais. Enquanto os componentes eróticos buscam sua satisfação complementar em um objeto não necessariamente experimentado como outro, o componente agressivo convida à oposição. O excesso de oposição⁸⁴, no entanto, é experienciado como intrusão, obrigando o bebê a reagir e retraindo-se.

Não há dúvida de que o potencial de força vital de um feto é mais ou menos o mesmo, tal qual o potencial erótico do bebê. A complicação reside em que a quantidade do potencial agressivo do bebê depende da quantidade de oposição que ele terá encontrado (Winnicott, 1950-5, p.303).

Winnicott não clarifica sua afirmação a respeito de não haver dúvidas de que o potencial erótico é mais ou menos o mesmo para todos os indivíduos, mas é interessante notar que ele estipula duas raízes para a vida instintiva, mas não dois instintos. Mais tarde em seus escritos (1963a), a noção da fusão dos componentes agressivos e eróticos é substituída pela idéia de que, do ponto de vista do bebê, existem duas mães: a mãe-ambiente, aquela dos estados tranqüilos, do cuidado, do *holding* e do *handling*, que recebe afeição (*ego-relatedness*); e a mãe-objeto, a dos estados excitados, que está ali para

⁸⁴ É claro que, inversamente, a total ausência de oposição pode ser tão ou mais impeditiva do que a oposição extrema para o estabelecimento de um *self* capaz de agir no mundo de forma transformadora e criativa.

satisfazer as pulsões parciais mais urgentes (*id-relationships*). O bebê inicialmente não relaciona a experiência das duas mães em sua fantasia, ou seja, ele não experimenta um estado de ambivalência porque não sente que seus impulsos agressivos e eróticos são dirigidos a um mesmo objeto.

Os estados tranqüilos e os estados excitados são, portanto, formas usadas por Winnicott para descrever o estágio anterior à Preocupação ou Concernimento, que é como ele relê e renomeia a posição depressiva de Klein. Estão intimamente ligados à idéia de agressividade primária que acabou de ser examinada e também ao elemento masculino puro, que pode ser considerado como já fazendo parte do processo de separação. Com o estágio do *Concern*, Winnicott pretendia dar conta de um fenômeno normal do desenvolvimento saudável que, a seu ver, ganhara um aspecto negativo e patologizante, através do termo ‘depressão’ usado pelos kleinianos. Este estágio, anterior ao Édipo, que emerge no curso do processo de desenvolvimento emocional, refere-se a um modo positivo do indivíduo sentir-se responsável, “especialmente em relação a relacionamentos nos quais os impulsos instintuais entraram em cena” (Winnicott, 1963a, p.73).

Ao apresentar a idéia de que o bebê é impiedoso (*ruthless*) em seu amor instintivo, sem perceber as conseqüências de sua agressividade, Winnicott sublinha sua não consciência nesse estágio de que é o mesmo quando tranqüilo e quando excitado, implicando em uma igual não-consciência a respeito do ambiente que o sustenta. Ou seja, o bebê “não sabe, a princípio, que a mãe por ele construída durante os seus momentos de quietude é ao mesmo tempo a força por trás do seio que ele está decidido a destruir” (Winnicott, 1945, p.226). A cada um dos estados, tranqüilo e excitado, Winnicott relaciona um uso específico do objeto. No auge da tensão instintual, no estado excitado, portanto, a criança faz um uso da mãe muito diferente de quando está no estado tranqüilo, no qual a mãe faz parte do ambiente total (Winnicott, 1963a, p.75). Isto é, a mãe deve ser capaz de propiciar um ambiente estável e confiável e de sustentá-lo no tempo, de modo que o bebê possa reconhecer as técnicas de maternagem como parte da mãe tanto quanto o seu rosto, suas emoções ou seus adereços. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, a mãe é também objeto de ataques durante os momentos de tensão instintiva, como os de fome ou sono, por exemplo. Para que o bebê seja capaz de fundir as duas mães, muitas conquistas devem se produzir, como, por exemplo, o estabelecimento de um *self* bem integrado em uma imagem narcísica do corpo. Só assim haverá “um elo entre os elementos destrutivos nas relações instintivas (*drive-relationships*) com os objetos e os

outros aspectos positivos do relacionar-se” (Winnicott, 1963a, p.82).

Pensemos então em termos de um determinado dia, com a mãe sustentando a situação. Num certo momento, no início desse dia, o bebê tem uma experiência instintiva. Para simplificar as coisas eu o imagino mamando, pois esta é realmente a base de toda a questão. Deflagra-se um ataque canibalístico impiedoso, que em parte pode ser observado no comportamento físico do bebê e em parte pertence à elaboração imaginativa que o bebê faz da função física. Ele junta um mais um, e começa a perceber que a resposta é um, e não dois. A mãe da relação de dependência (anaclítica) é também o objeto do amor instintivo (impulsionado biologicamente) (Winnicott, 1954-5, p.362).

O bebê, então, se dá conta de que a mãe tranqüila estava lá durante a experiência excitada e que sobreviveu. E isto se repete dia após dia. Evidentemente, quando a criança atingir o estágio do *Concern*, a fusão será fonte de ambivalência já que ela realizará que a mãe que recebe as pulsões vorazes de seu id é o mesmo objeto total, portador e receptor de características tanto positivas quanto negativas. O *Concern* é, portanto, um estágio muito sofisticado de integração no qual o ambiente provedor continua a desempenhar papel essencial, mas “a criança está começando a ter aquela estabilidade interna pertencente ao desenvolvimento da independência” (Winnicott, 1963a, p.76). Quando esta capacidade é alcançada, o indivíduo está apto a viver a experiência triangular do complexo de Édipo. Até atingir esse momento, portanto, toda a linguagem metapsicológica em termos de conflito não tem sentido para Winnicott e o que vigora é uma idéia de complementaridade.

As circunstâncias favoráveis neste estágio são que a mãe continue viva e disponível: a mãe-objeto deve sobreviver aos episódios instintivos e a mãe-ambiente deve permanecer ela própria, ser empática, estar lá para receber o gesto espontâneo do bebê, e estar satisfeita com isso. Ao sobreviver ao ataques, a mãe-ambiente permite que o bebê se torne mais confiante para experimentar os impulsos do id, ela, “em outras palavras, libera a vida instintual do bebê” (Winnicott, 1963a, p.77). Tudo depende da capacidade de sobrevivência e de não-retaliação do objeto, ou seja, de sua maleabilidade. Se a mãe-objeto subjetiva não sobrevive aos ataques do bebê, sobretudo se ela se vinga ou retalia, a destrutividade se torna realmente parte integrante da criança, podendo haver uma quebra das bases de confiança e uma retração brutal (*false self*). É nesse sentido que Winnicott afirma:

[O]s bebês que tenham sido bem cuidados (...) têm probabilidade de serem mais agressivos *clanicamente* do que aqueles com quem isso não aconteceu, e para quem a agressão é algo que não pode ser abrangido ou algo que só pode ser mantido sob a forma de uma tendência a ser um objeto de ataque (Winnicott, 1968b, p.175).

A todo esse processo de sustentação no tempo, composto de inúmeras repetições, Winnicott dá o nome de círculo benigno⁸⁵. Este círculo é composto por quatro movimentos, sendo o primeiro o da experiência instintiva, o segundo o do vislumbre das conseqüências e a aceitação da responsabilidade que é chamada de culpa, um terceiro momento de elaboração interna, através da triagem dos resultados da experiência, e, por fim, o verdadeiro gesto reparador⁸⁶ (Winnicott, 1958a, p.24). Segundo Winnicott, a experiência instintiva acarreta duas ansiedades: uma ansiedade em relação à mãe, que não é mais a mesma de antes, o que equivaleria a dizer que há um buraco, onde antes havia um corpo cheio de riquezas, e outra referente ao próprio interior do bebê, que se sente diferente, com a coexistência dentro de si de elementos bons e maus, relacionados à qualidade da experiência instintiva (conforme ela tenha ocorrido de modo gratificante ou durante uma experiência de raiva, por exemplo). O bebê sai desta experiência tendo coisas boas e coisas ruins para dar e a mãe deve aceitar ambas, sendo importante, ao mesmo tempo, que ela saiba distinguir as boas e as más. Com o fortalecimento do círculo benigno ele pode, então, dar conta do buraco criado imaginariamente no momento instintivo original e, com o tempo, incorporar esta experiência de sustentação ao eu, tornando a mãe real menos necessária. A culpa, que se refere ao dano que a criança imagina ter causado à pessoa amada nos momentos do relacionamento excitado, só aparece se houver falha na oportunidade de reparação. Ou seja, para Winnicott, as manifestações dos instintos podem ser toleradas apenas se a idéia de reparação for atingida.

Na operação do círculo benigno, a compaixão torna-se tolerável para o bebê através do reconhecimento recém-despertado de que, havendo tempo, algo *pode* ser feito a respeito do buraco e das várias conseqüências dos impulsos do id sobre o corpo da mãe (Winnicott, 1954-5, p.366).

Quando o círculo benigno não pode ocorrer ou quando é interrompido, o instinto (ou capacidade de amar) é inibido e, no lugar da responsabilidade, reaparece a dissociação entre o bebê excitado e o bebê tranqüilo. O sentimento de tranqüilidade resultante da elaboração não fica mais ao alcance e, por fim, na ausência do gesto reparador, a capacidade para brincar (e trabalhar)

⁸⁵ Em seu Diário Clínico, Ferenczi também ressalta a importância de se pensar em termos de círculos benignos e não apenas de círculos viciosos: "O meu próprio otimismo é um êxito psicanalítico. Eu tinha outrora por traço de caráter manifesto um pessimismo pronunciado, tanto no que se refere aos conhecimentos e aos progressos, quanto a propósito das possibilidades de adaptação à natureza. Só enxergava por toda a parte *circulus vitiosus*. Hoje, aventurei-me por vezes a pensar num *circulus benignus*" (Ferenczi, 1932, p.196).

⁸⁶ Cf. também Winnicott, 1954-5 e 1988.

construtivamente é perdida. Aqui instinto e capacidade de amar são sinônimos e é justamente esta capacidade e o viver criativo, que dela depende, que preocupam Winnicott. Esta idéia deixa claro, mais uma vez, como no centro das reflexões de Winnicott se encontra a preocupação com a construção de um círculo benigno, que é, em realidade, um percurso integrativo.

Em um artigo de 1940, *Discussion of war aims*, ao discorrer sobre a idéia de liberdade diante da ascensão do fascismo na Europa, Winnicott já fazia questão de definir o *self* em termos de estados tranquilos e excitados. Neste artigo, ele sublinha a contradição da freqüente posição do homem a respeito da liberdade; ao mesmo tempo em que valoriza uma idéia de liberdade ligada à livre expressão instintual, também a teme, preferindo muitas vezes o ‘conforto’ da submissão ao controle.

[P]ode haver uma grande discrepância entre aquilo de que gostamos quando estamos excitados e aquilo de que gostamos nesse ínterim. A interferência no exercício e na fruição da liberdade se dá de duas formas principais. Primeiramente, a fruição da liberdade somente se aplica aos períodos entre excitações corporais. Há muito pouca gratificação corporal e nenhuma que seja intensa, a ser extraída da liberdade; ao passo que as idéias de crueldade ou escravidão são notoriamente associadas à excitação corporal e às experiências sensuais (Winnicott, 1940, p.214).

Comentando este texto, Phillips faz uma interessante observação. Ele afirma que a excitação tende a ser tratada pelos teóricos da relação de objeto como uma defesa contra algo supostamente mais precioso, sendo ao uso da excitação, mais do que ao fenômeno em si, que esses autores se dedicaram. E ele prossegue dizendo que “[a] implicação das observações de Winnicott neste artigo é que *liberdade é liberdade da excitação corporal*” (Phillips, 1988, p. 71, grifos meus). A idéia de que liberdade é liberdade da excitação corporal conduz à questão do brincar. Trata-se aqui de uma diferença fundamental em relação ao pensamento freudiano. Em Freud a liberdade se refere à liberdade instintual, enquanto em Winnicott o excesso de liberdade instintual pode provocar sacrifício da espontaneidade pessoal⁸⁷. Para Winnicott “[o]s instintos constituem a principal ameaça tanto à brincadeira quanto ao ego” (Winnicott, 1971c, p.77).

Segundo Winnicott (1971c, p.59), a psicoterapia, de crianças e adultos, trata de duas pessoas que brincam juntas. Em sua concepção inovadora sobre o brincar, Winnicott o desvincula da experiência sensual masturbatória. Para ele, o elemento masturbatório está ausente no momento em que a criança brinca. Ele

⁸⁷ Faço essa afirmação com a ressalva de que, em minha opinião, quando cada um fala de liberdade instintual e pulsional, estão tratando de dimensões diferentes.

propõe que se pense menos no conteúdo e mais na atividade em si. “(..) quando uma criança está brincando, se a excitação física do envolvimento instintual se torna evidente, então o brincar se interrompe ou, pelo menos, se estraga” (Winnicott, 1971c, p.60). Ao mesmo tempo, o que parece contraditório, ele afirma que brincar é fazer, ou seja, está ligado ao elemento masculino examinado mais acima e às experiências pulsionais. O estado excitado e as idéias pertencentes a este estado formam, mais para frente, a base da brincadeira e dos sonhos. A questão, ele assinala, é que brincar seguramente é excitante, mas *não porque os instintos estejam primariamente envolvidos*. A importância do brincar está na “precariedade do inter-jogo entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle dos objetos reais” (Winnicott, 1971c, p.71). Ou seja, o novo em sua concepção é pensar o brincar como uma experiência criativa que acontece em um espaço potencial intermediário na continuidade espaço-tempo. Posteriormente, a criança será capaz de brincar só⁸⁸, na presença de alguém, guardando a confiança⁸⁹ e segurança do objeto em sua lembrança.

No estado de confiança que se desenvolve quando a mãe pode desempenhar bem dessa difícil tarefa (não se for incapaz de fazê-la), o bebê começa a fruir de experiências baseadas num ‘casamento’ da onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que tem do real. A confiança na mãe cria aqui um *playground* intermediário, onde a idéia da magia se origina, visto que o bebê, até certo ponto, *experimenta* onipotência. (...) O *playground* ‘é um espaço potencial entre a mãe e o bebê, ou que une mãe e bebê’ (Winnicott, 1971c, p.70-71).

A relevância dada à distinção entre estados tranquilos e excitados reflete uma preocupação comum aos analistas pertencentes ao Grupo dos Independentes. Em 1937, Balint já havia chamado atenção para o fato de que no mundo psicanalítico, especialmente no grupo londrino, que veio posteriormente se reunir em torno de Melanie Klein, as fases ruidosas eram hipervalorizadas. De seu ponto de vista, tratava-se na verdade de respostas a um estado de frustração, mas que eram antecipadas como a mais primitiva relação do indivíduo com o mundo. Assim:

O que se apresentava como ruidoso, vigoroso ou veemente, foi valorizado como importante, o que acontecia na quietude, como não importante. Essa descrição incompleta deu origem a uma teoria unilateral; tudo nela é correto, exceto as

⁸⁸ A capacidade de estar só baseia-se no paradoxo de estar só na presença do outro.

⁸⁹ Figueiredo faz uma interessante hipótese sobre a confiança em Winnicott, mostrando que “se em alguns trechos Winnicott faz menção (...) a uma ‘crença na confiabilidade dos objetos’ em outros momentos ‘refere-se a um senso de confiança [sense of trust]’. Este último seria mais apropriado ao nível muito primitivo da experiência e constituiria um plano pré-representacional, não envolvendo crenças de nenhuma espécie. Talvez fosse mais correto dizer que o sense of trust constitui-se em uma matriz simbólica para a representação de objetos e relações confiáveis, não sendo ele mesmo da ordem representacional” (Figueiredo, 2008, no prelo).

proporções (Balint, 1937, p.102).

Winnicott parece compartilhar esta mesma opinião ao enfatizar a relação de dependência absoluta (sem reconhecimento da dependência) no início da vida e o papel saudável dos momentos de regressão e não-integração como possibilidade de relaxamento ao longo da vida adulta. A questão é que muito do vocabulário psicanalítico estava voltado para essas manifestações mais urgentes do *self*, como afirma Phillips.

A psicanálise, é claro, tem uma série de termos – instintos, necessidades, anseios, demandas, desejos, elementos, componentes, impulsos – os quais se referem todos às partes imperiosas do *self*. E são as partes imperiosas do *self* aquelas concebidas como essenciais (Phillips, 1988, p.123).

Winnicott faz parte desses autores que, além de pensarem o início da vida como um momento no qual a quietude é admissível e fundamental⁹⁰ (o que vale lembrar, nada tem a ver com passividade), conceberam a idéia de que há no ser humano a possibilidade de estados e áreas nas quais algo essencial dessa experiência pode ser reencontrado. Para Winnicott, os estados de relaxamento e a capacidade de estar só são oriundos das experiências de não-integração e segurança iniciais. A capacidade de estar só pode ser considerada ou um fenômeno muito precoce, relacionado com a experiência de estar só na presença da mãe, ou um fenômeno sofisticado, atingido após o estabelecimento de uma *three-body relationship*. Dessa forma, ele usa o termo *ego-relatedness* para se referir a uma relação entre duas pessoas, “uma das quais, de qualquer forma, está só; talvez ambas estejam sós, ainda que a presença de cada uma seja importante para a outra” (Winnicott, 1958b, p.31). Vale lembrar que a capacidade de estar só não é equivalente à noção de retraimento. O retraimento é uma tentativa do *self* de se proteger contra a intrusão, recolhendo-se na segurança de seus objetos subjetivos. Embora momentos de retraimento sejam importantes, ao sair deste estado, o indivíduo encontra a realidade imutável, podendo estar sujeito a novas ameaças de ataque. A capacidade de estar só, por sua vez, implica a possibilidade de, ao ter internalizado a sustentação e confiança inicial fornecida pelo ambiente durante a fase de dependência absoluta, o indivíduo realmente ser capaz de suportar a alteridade sem sentir que sua integridade está constantemente ameaçada.

⁹⁰ “Na linguagem destas considerações, a constituição inicial do ego é, portanto, silenciosa. A primeira organização do ego deriva da experiência de ameaças de aniquilação que não chegam a se cumprir, e das quais, repetidamente, o bebê se *recupera*. A partir dessas experiências, a confiança na recuperação começa a transformar-se em algo que leva ao ego e à capacidade de o ego de suportar frustrações” (Winnicott, 1956a, p.404).

Os momentos de integração estão associados aos momentos excitados do bebê, pois a integração está ligada ao sentimento de realidade e não ao sentimento de fusão e indiferenciação, embora seus fundamentos dependam capitalmente deste tipo de relação inicial, baseada na confiabilidade da dependência absoluta. Para o indivíduo, no entanto, não é ideal estar todo o tempo integrado. A capacidade adulta de suportar, relaxar e fruir esses momentos de não-integração⁹¹ é um sinal de maturação afetiva, através do qual a função de suporte egóico materno é dada por certa. Assim, Winnicott fornece outro ponto de vista sobre as dissociações e os estados não integrados. “O negativo não é nem o caos, nem a inconstância, nem a angústia irritativa se aceitamos o ritmo em vai-e-vem do tempo pulsional” (Cyssau, 2006, p.48).

Outro analista do Grupo dos Independentes, Masud Khan (1977), também sublinha a necessidade de conceber o ser humano como uma entidade existencial mais do que como um ser em estado de conflito, enfatizando o que ele chama de um “domínio íntimo, personalizado e não conflitual da experiência de si”, uma “função sadia do eu a serviço do indivíduo”.

É bastante difícil definir disposições positivas não conflituais. A linguagem tem uma relação muito antiga e muito complexa com os estados conflituais, quer seja em relação à realidade exterior ou em relação à realidade psíquica interior. Ela adquiriu com o tempo os meios de definir esses estados conflituais que são o medo e o temor, a esperança e o desespero, a exaltação e a depressão (Khan, 1977, p.52).

Ele introduz uma expressão - *lying fallow* - que está em plena consonância com Winnicott. O termo se aplica tanto ao trabalho do analista que, atento, espera o momento certo de interpretar a fim de que sua intervenção seja de fato frutífera para o processo analítico do paciente⁹², quanto à compreensão dos momentos silenciosos associados à saúde do indivíduo. A tradução mais próxima seria *alqueivar*, o que significa “lavar (a terra) e deixá-la em descanso (pousio), para que possa adquirir maior capacidade de produção” (Houaiss, 2001, p.167). Khan define este estado:

Não é um estado de inércia, de vazio displicente ou de tranquilidade ociosa do espírito, também não é um esquecimento deliberado da finalidade ou das exigências da ação. Estar em alqueive é um estado transitório de experiência, um modo de ser aproximado a uma quietude desperta e a uma consciência receptiva e leve (Khan, 1977, p.52).

⁹¹ Cf. página 66, mais acima

⁹² A idéia de ‘momento certo’ equivale à possibilidade de o paciente ter a ilusão de que criou a interpretação, que chegou a ela sozinho, mesmo que o analista tenha todo o tempo fornecido o necessário para isso. Segundo Winnicott, o objeto deve ser criado e não percebido.

Essa disposição de estar em alqueive, continua Khan, é ao mesmo tempo nutrição do eu e um estado de preparação. Ela fornece o substrato energético da maior parte de nossos esforços de criação e autoriza, pela não-integração de sua animação psíquica adiada (que é o outro lado do trabalho organizado), a experiência interior latente que distingue a verdadeira criatividade psíquica da obsessão da produtividade.

O estado de alqueive é então:

1. uma disposição transitiva e transitória;
 2. não conflitual e não instintiva, essa disposição constitui um estado intelectual excluindo a crítica;
 3. uma capacidade do Eu;
 4. uma disposição desperta e alerta: não-integrada, receptiva e lábil;
 5. um estado amplamente não verbal e cuja expressão torna emprestadas sobretudo as vias da imagem ou da sinestesia.
- Eu iria ainda mais longe e diria que essa experiência de estar em alqueive só se exprime no silêncio (Khan, 1977, pp.54-5).

Tal capacidade pode ser relacionada ao elemento feminino puro e à área de ilusão, situada entre o interno e o externo e dependente da existência de um objeto externo, que não apenas se coloca como obstáculo aos impulsos do indivíduo, mas também se torna parte integrante e fundamental de sua experiência criativa. Essa área seria uma área potencial, uma área de experiência, intermediária entre o controle onipotente e o controle por manipulação. É a partir dessa área intermediária, nem interna nem externa, que será organizada, pouco a pouco, a experiência cultural.

A terceira parte da vida de um ser humano, parte que não podemos ignorar, constitui uma área intermediária de *experimentação*, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa. Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (Winnicott, 1971b, p.15).

Toda a idéia a respeito desses momentos de não-integração leva a considerar que, em Winnicott, “é preciso poder pensar conjuntamente um movimento regrediente de construção da vida psíquica nas suas fontes somáticas, e um tempo evolutivo do desenvolvimento” (Cyssau, 2006, p.47). Retomando o ponto que me interessa mais diretamente, embora Winnicott qualifique de pulsional basicamente apenas o estado excitado, o tranqüilo sendo algo da ordem do *holding* e da não pulsionalidade, somos convidados a pensar, seguindo Cyssau (2006), que o ritmo que se instala entre os dois estados, tranqüilo e excitado, pode ser justamente o lugar do pulsional para Winnicott.

Nesse sentido, ele faria coincidir, como sublinha a autora, o pulsional com seu ritmo, tratando-se sempre de um equilíbrio, uma qualidade a se ajustar mais do que uma descarga a se satisfazer. Este seria um trunfo econômico de Winnicott. Assim, pode-se dizer, o pulsional em Winnicott é mais da ordem do pulso do que da ordem do impulso, refere-se mais às idéias de movimento e ritmo do que às de estímulo.

3.4

A Natureza Humana segundo Winnicott

Um ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana (Winnicott).

Natureza humana é um livro póstumo e inacabado. Segundo Clare Winnicott, foi concebido por seu marido com o fim de proporcionar um material organizado de estudo e reflexão para seus alunos, tendo uma primeira versão iniciada e terminada em 1954 e muitas revisões e modificações até a sua morte, em 1971. *Natureza humana* representa, portanto, uma espécie de balanço de todos seus escritos, posto que cobre quase duas décadas do período de produção mais autoral de Winnicott, assumindo quase um valor testamentário. Afinal, foi o único de seus trabalhos pensado para ser uma obra, seus outros livros sendo coletâneas de artigos avulsos, dirigidos a diferentes platéias. Há quem reconheça nesse livro uma função reflexiva axial⁹³, simétrica à da metapsicologia de Freud, ou mesmo o desenho implícito de uma terceira tópica⁹⁴. E, no entanto, “natureza humana” é uma expressão pouco evidente, tanto no meio psicanalítico, quanto nas ciências humanas em geral, sendo até considerada contraditória, devido à longa insistência, em grande parte por influência do pensamento estrutural, na oposição entre natureza e cultura. Mesmo assim, a expressão passou para o domínio das crenças comuns, sendo convocada em vários argumentos sem provocar grandes discussões. Enquanto conceito filosófico, contudo, possui inúmeras implicações, como se pode perceber a partir da definição do *Dicionário Oxford de Filosofia*.

Tópico fundamental da ética, objeto de vários tratamentos diferentes, sendo sua disparidade responsável pela existência de concepções da vida humana tão diferentes como a dos gregos clássicos e a do cristianismo. Uma das preocupações da filosofia do Iluminismo era descobrir uma mesma natureza

⁹³ Cf. Assoun, 2006, p.63.

⁹⁴ Cf. Gribinski, 2006, p.32.

humana sob as diferenças superficiais, devidas à cultura e à sociedade. O núcleo comum haveria de conter, em grau suficiente, uma simpatia natural pelos outros, a benevolência, a percepção do egoísmo e a capacidade de aprovar instituições justas, de modo a constituir um fundamento para uma ética puramente secular. Essa esperança foi desfeita pela concepção hegeliana dos seres humanos como algo que possui uma natureza moldada apenas pelas suas circunstâncias históricas e sociais. Contudo, essa esperança reaparece depois em um nível superior com a consideração de que temos naturezas que nos permitem fazer certos acordos políticos e sociais sob os quais evoluímos, e que nos impedem de fazer outros (Blackburn, 1997, p.263).

Cabe lembrar que não é a ambição aqui entrar em um debate de cunho filosófico sobre o estatuto do conceito de “natureza humana”. Tampouco interessa submeter a teoria das pulsões em Winnicott ao julgamento de um hipotético tribunal ortodoxo freudiano. Não se trata de provar se Winnicott é ou não um autor anti-metapsicológico ou anti-pulsional, embora certamente não seja exagero considerá-lo como a-metapsicológico, na medida em que seu olhar o leva a desenvolvimentos diferentes dos de Freud, e pelo fato de ele próprio nunca ter escolhido a metapsicologia como linguagem de predileção, optando por uma construção pessoal mais próxima da linguagem comum dos pacientes e do vivido experiencial, como já foi mencionado.

Segundo o próprio Winnicott, o livro *Natureza humana* pressupõe da parte do leitor um conhecimento já consagrado de psicologia dinâmica e certo amadurecimento tanto nas experiências da vida, como nas da profissão. O autor inicia sua exposição a partir do exame do que já é de conhecimento geral - a criança de 4 anos - para depois avançar para trás, para os momentos iniciais e desconhecidos do desenvolvimento do indivíduo e, então, novamente rumar para frente, em direção à adolescência e vida adulta, tendo sempre como ponto de partida a saúde, em seu próprio significado positivo, e não o sintoma ou a patologia. Winnicott convida a olhar a saúde através de outro ângulo. Tornou-se hábito pensar a saúde em psicanálise com referência às neuroses, ou seja, definindo-a como o estado do indivíduo que não está submetido a defesas excessivamente rígidas ou a inibições exageradas dos impulsos instintuais. Em contrapartida, para Winnicott, cujas referências são o desenvolvimento emocional primitivo e o distúrbio mais arcaico das psicoses, a saúde deve ser pensada a partir dos primórdios da estruturação da personalidade como possuindo uma qualidade própria. Winnicott chega mesmo a lembrar que há uma saúde sintomática, construída defensivamente, e que “a ausência de doença psiconeurótica pode ser saúde, mas não é vida”, no sentido do viver criativo (Winnicott, 1967c, p.139). Para ele, ser apenas saudável não é tão interessante assim, a menos que seja adicionada a dimensão do brincar e da criatividade à

definição clássica de saúde. Dizia ele, “quando apenas sãos, somos decididamente pobres” (Winnicott, 1945, p.225).

Neste livro, o autor deixa claro, o que aparece também com frequência em outros de seus escritos, a recusa de opostos clássicos como *nature* e *nurture*, interno e externo, corpo e psiquismo, para apresentar uma idéia de natureza humana que acolhe tais termos, habitualmente considerados conflitantes, sob o signo da complementaridade⁹⁵. Tal posicionamento fica explícito, por exemplo, através de sua concepção do surgimento do *self* que se dá a partir de um contexto de contato interativo e nunca apenas através do viés intrapsíquico. Assim, Winnicott apresenta um pensamento desenvolvimentista, postulando o *self* como uma emergência da interrelação inicial com o meio ambiente, o que significa dizer que, ao mesmo tempo em que ele é produzido pelo entorno, tem a capacidade de modificá-lo através de sua ação. Como foi visto, de início, o indivíduo, não ainda consciente de sua separação do meio, relaciona-se de forma impiedosa e, ao longo dos processos de amadurecimento, ele se envolverá gradualmente numa relação de responsabilidade para com o ambiente.

Optando por uma abordagem desenvolvimentista para o estudo da natureza humana como a mais capaz de focalizar os diversos pontos de vista, espero deixar claro [como] inicialmente, a partir de uma fusão primária do indivíduo com o ambiente, surge uma emergência, o indivíduo procurando fazer valer os seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não desejado; ocorre então o fortalecimento do *self* como uma entidade, uma continuidade do ser onde, e de onde, o *self* pode [emergir] como uma unidade, como algo ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos [emerge]; então o advento da consciência [*awareness*] (e consciência implica a existência de uma mente) da dependência, e a consciência quanto à confiabilidade da mãe e de seu amor, que chega à criança sob a forma de cuidados físicos e adaptação à necessidade; ocorre então a aceitação pessoal das funções e dos instintos e seus clímaxes, do gradual reconhecimento da mãe como um outro ser humano, e junto a isso a mudança da impiedade (*ruthlessness*), em direção à preocupação (*concern*); e então há o reconhecimento do terceiro, e do amor complicado pelo ódio, e do conflito emocional; e esse todo é enriquecido pela elaboração imaginativa de cada função, e pelo crescimento da psique juntamente com o do corpo; e também a especialização da capacidade intelectual, que depende da capacidade dos atributos cerebrais; e de novo, em paralelo a isso tudo, o desenvolvimento gradual da independência em relação aos fatores ambientais, levando no devido tempo à socialização (Winnicott, 1988, p.8).

A longa citação acima, na qual Winnicott descreve o ser humano como o resultado de etapas consecutivas e interdependentes de maturação, uma maturação que por sua vez é profundamente enraizada no contato inicial com o

⁹⁵ “Às vezes, refere-se a isto como o equilíbrio entre natureza e cultura. Ao pensar sobre esse problema específico, a maioria das pessoas tende a tomar partido, mas não há necessidade de ser a favor de um ou de outro” (Winnicott, 1968c, p.62).

ambiente, exemplifica esse pensamento, classificado mais acima como desenvolvimentista. Vale lembrar que, no caso de Winnicott, desenvolvimento não é sinônimo de cumprimento automático de um programa seqüencial de etapas com um fim previsível. A possibilidade de vida subjetiva nasce dos processos naturais; o *self* emerge como o produto da jornada do ser vivo em sua interação com o mundo, mas essa jornada não é automática e programada. Seu pensamento do desenvolvimento inclui a idéia de emergências e valoriza a aquisição de potencialidades que requerem e dependem da qualidade facilitadora do ambiente.

Winnicott se pergunta onde fica a base da natureza humana em termos do desenvolvimento individual e qual o estado fundamental a que todo ser humano, não importa a idade ou experiência pessoal, teria que retornar se desejasse começar tudo de novo. Para responder a esta questão, ele vai contestar a idéia freudiana, contida na segunda teoria pulsional, de que o indivíduo emerge do (e inevitavelmente retorna ao) estado inorgânico. Não que ele discorde totalmente da formulação em si, mas porque para ele o que realmente importa é examinar a questão a partir do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual. Nesse sentido, o indivíduo não pode emergir do inorgânico, mas sim da solidão. Uma solidão que se dá sob um fundo de dependência absoluta e da qual o novo ser humano não possui qualquer consciência.

Gostaria de justapor duas formulações diferentes, reconhecendo o paradoxo; um observador pode perceber que cada ser humano individual emerge como matéria orgânica da matéria inorgânica, e no devido tempo retorna ao estado inorgânico. (Mesmo isto não é de todo correto, já que o indivíduo desenvolve-se a partir de um ovo que tem sua pré-história em todos os ovos ancestrais, fertilizados desde que a matéria orgânica emergiu do inorgânico, há muitos milhões de anos atrás); ao mesmo tempo, do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual (que constitui a Psicologia), a emergência não foi de um estado inorgânico, mas da solidão (Winnicott, 1988, pp. 132-133).

Para Winnicott, não há jamais a possibilidade de uma reprodução exata desta solidão fundamental, embora um sentimento de solidão acompanhe o ser humano por toda a vida. O estado anterior ao de solidão é um estado de não-estar-vivo. A experiência do primeiro despertar proporcionaria a fantasia de um estado sereno de não-estar-vivo que poderia ser novamente alcançado. O desejo de estar morto seria, em realidade, um desejo de ainda-não-estar-vivo, e muito do que é atribuído à idéia de morte estaria na verdade relacionado a esse estado anterior à vida, no qual o indivíduo se encontra, de fato, só, e ainda muito distante da possibilidade de se dar conta da dependência. Isso não teria nada a ver com a obra de uma pulsão de morte. “A vida de um indivíduo é um intervalo

entre dois estados de não-estar-vivo. O primeiro desses estados, a partir do qual emerge o estar-vivo, dá colorido às idéias que as pessoas têm sobre o segundo” (Winnicott, 1988, p.132). O bebê não possuiria capacidade alguma de se preocupar com a morte, mas poderia se preocupar com esta solidão da pré-dependência, já que ela sim foi de fato experimentada.

O reconhecimento desta experiência humana inerente de solidão pré-dependente é de enorme importância. O desenvolvimento posterior da teoria de Freud sobre os Instintos de Vida e de Morte introduz a morte perceptível, a distinção perceptível entre estados orgânicos e inorgânicos, e até a idéia de destrutividade, mas ao mesmo tempo omite qualquer referência à dependência original, dupla, porque nem percebida ainda, e à crescente sensação e percepção da dependência. Ao final, sua teoria se torna uma falsa teoria da morte como um fim para a vida, e uma teoria igualmente falsa da agressividade, porque deixa de lado duas fontes essencialmente importantes da agressão: aquela inerente ao impulso de amor primitivo (no estágio anterior à compaixão, independente das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. O desenvolvimento da teoria psicanalítica para abarcar estes (e provavelmente outros) fenômenos precoces talvez tenha tornado redundante a teoria freudiana dos Instintos de Vida e de Morte, e as dúvidas do próprio Freud quanto à validade da sua teoria tornaram-se, a meu ver, mais importantes que a teoria em si mesma. É sempre possível, contudo, que eu tenha compreendido mal o verdadeiro propósito de Freud (Winnicott, 1988, p.133-34).

Ele afirma aqui, mais uma vez, a recusa do conceito de pulsão de morte, insistindo que em seu lugar deve-se conceber um círculo benigno. “Se é possível encontrar a seqüência – solidão, dupla dependência, impulso instintivo anterior à compaixão (*ruth*), e então preocupação (*concern*) e culpa, não parece necessária a introdução de um ‘Instinto de Morte’” (Winnicott, 1988, p.134). Nesse livro, ao mesmo tempo em que reafirma essa recusa, ele faz uma surpreendente afirmação, celebrada por Green⁹⁶, a respeito de seu reconhecimento da importância das pulsões. “A pista para uma primeira infância saudável (feitas as devidas reservas sobre importantes resíduos infantis) é o INSTINTO. Por essa razão, é necessário um estudo cuidadoso sobre o instinto e seu desenvolvimento” (Winnicott, 1988, p.39). Mas, como já foi dito, por mais que seja tentador, não é prudente apoiar-se em uma frase isolada para sintetizar o pensamento de Winnicott sobre esta questão, pois mesmo que ele reconheça a importância dos instintos, ele não os situa na origem do desenvolvimento psíquico. Muito ao contrário, o que é o tempo todo enfatizado são os processos

⁹⁶ Green considera “falso e injusto dizer que Winnicott não se interessava pela pulsão. Não somente ele se interessava, como ele escreve em seu livro *Natureza humana* (1988) que a pulsão é A CHAVE (em maiúscula) da saúde da pequena infância. A única coisa é que dizer que ela é a chave da pequena infância não significa dizer que ela se encontra nas origens do desenvolvimento psíquico” (Green, 2005b, p.152). Vale lembrar que na tradução francesa do livro *Natureza Humana*, há uma inversão: ao invés da palavra instinto aparecer em letra maiúscula, como na versão original em inglês, é a palavra pista, traduzida por chave, que figura em letras capitais.

de amadurecimento que pressupõem as idéias de um desenvolvimento emocional no sentido de uma jornada do estado não integrado ao integrado, da dependência absoluta à independência, juntamente com a importância da realidade externa e do psiquismo corporificado (*embodied*). A explicação que segue a afirmação mencionada mais acima leva, portanto, a uma direção diferente da abordagem clássica do desenvolvimento pulsional, como se pode perceber através da citação abaixo.

Instinto é o termo dado aos poderosos impulsos biológicos que vêm e vão na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. As excitações do instinto levam a criança, como qualquer outro animal, a preparar-se para a satisfação máxima do instinto quando ele finalmente atinge um clímax de exigência. Se a satisfação é encontrada no momento culminante da exigência, então há uma recompensa do prazer e também um alívio temporário do instinto. A satisfação incompleta ou mal sincronizada resulta em alívio incompleto, desconforto e ausência de um descanso muito necessário entre as ondas de exigência.

Nesta afirmação, não há muita diferença entre os tipos de demanda instintual, tampouco há muita diferença entre seres humanos e animais. Não é necessário, aqui, entrar em uma discussão quanto à classificação dos instintos, nem mesmo decidir se há um instinto, ou se há dois ou talvez se existem aos montes. Tudo isto é irrelevante.

No bebê e na criança há uma ELABORAÇÃO IMAGINATIVA de todas as funções corporais (desde que haja um cérebro funcionando) e isso é tão mais verdadeiro sobre crianças do que sobre o mais interessante dos animais, que nunca é seguro transpor uma discussão da psicologia animal para a humana (Winnicott, 1988, pp. 39-40).

Nessa visada, não se faz necessária uma clara distinção entre os outros animais e o ser humano, entre natureza e cultura. O que torna o ser humano tão diferente do animal, do ponto de vista da instintualidade, é o fato de que no homem todas as funções corpóreas e os instintos passam pela via da elaboração imaginativa. O vitalismo de Winnicott se refere à idéia de que o ser humano emerge a partir dos processos naturais de desenvolvimento e amadurecimento. Tais processos são o desabrochar decorrente da complexificação e do desdobramento crescentes das relações entre o indivíduo e seu meio. Há aí uma importante guinada: não é a satisfação pulsional que dita a regra, mas a criança que muda em interação com o ambiente.

Em *Natureza humana*, após fazer objeções a respeito da progressão da dominância instintiva de acordo com as funções e fantasias envolvidas, tal como Karl Abraham, “esse explorador diligente das chamadas organizações ‘pré-genitais’”⁹⁷, Winnicott opta por um ângulo diferente. Para ele, a tentativa de classificar os instintos pré-genitais é insatisfatória porque toma como modelo a criança que já anda e não o próprio bebê. Ele continua, dizendo que não há

⁹⁷ Como Ferenczi caracteriza Abraham, Cf. Ferenczi, 1924, p.259.

certeza de que haja uma seqüência, segundo a qual a fantasia da atividade oral é primeiramente erótica (isto é, sem sadismo ou pré-ambivalente) e apenas em um segundo momento sádica, destrutiva e, por assim dizer, ambivalente. “É melhor dizer que é a criança quem muda, começando impiedosa e depois se tornando preocupada. *A ambivalência tem mais a ver com as mudanças do Ego na criança do que com o desenvolvimento do Id (ou do instinto)*” (Winnicott, 1988, p. 42, grifos meus). Mais uma vez, portanto, o que é ressaltado são as potencialidades que se desenvolvem em certas condições ambientais, com o risco de que possam não ocorrer. Nesse sentido, David-Ménard (2006) considera que a expressão “natureza humana”, tal como empregada por Winnicott, aproxima-se do que Hannah Arendt denominou de “a condição humana” e que a autora propõe traduzir por “condição do humano”. “A insistência sobre as condições é de tal forma decisiva e sutil, para o psicanalista, que o caráter teleológico da potencialidade é como que esquecido” (David-Ménard, 2006, p.161-2). Em Winnicott, como foi visto, a idéia de desenvolvimento não é teleológica. Há uma ênfase na mobilidade perlaborativa do *self* que, por sua vez, depende das potencialidades e condições de desenvolvimento presentes no ambiente e nas conseqüências do seu atendimento ou não. Winnicott não reduz a história e a cultura à natureza, e tampouco enxerga uma ruptura entre elas.

O oxímoro ‘natureza humana’ designa a natureza na cultura, mas também uma natureza que de saída é cultural, o vai-e-vem de uma progrediência/regrediência ao mesmo tempo traumática (as angústias de desintegração) e feliz (retorno a – ou, melhor, construção de um estado não integrado de passividade aceita) (Richard, 2006, p. 132).

Assim, o vitalismo winnicottiano tem como pano de fundo uma concepção de natureza distante das concepções mecanicista e determinista.

Ao se voltar para o que chamou de ‘natureza humana’, portanto, Winnicott pode operar um importante rearranjo na arquitetura conceitual do edifício psicanalítico. Vale a pena notar que sua perspectiva naturalista se diferencia bastante do naturalismo freudiano, centrado na descrição de um aparelho psíquico governado por forças instintivas e mecanismos psíquicos em choque com as exigências da cultura. Mais do que um quadro de oposição e conflito entre natureza e cultura, Winnicott descreve um acoplamento estrutural entre um pólo e outro, que se expressa nos processos naturais de maturação do indivíduo biológico em direção à construção do ser social, a partir da díade mãe-bebê. A mãe expressa tanto os aspectos naturais universalmente presentes na constituição de um indivíduo humano como também aquilo que na natureza humana difere do universo natural darwiniano, ou seja, tudo aquilo que se refere à simbolização e à significação da experiência (Bezerra, 2007, p.41).

A partir desse tipo de consideração, muitos comentadores enfatizaram

outra forte inspiração em seu trabalho, além de Freud: Darwin⁹⁸. Em 1945, em uma palestra para alunos do ensino médio, Winnicott descreveu o impacto que a leitura de Darwin lhe causou nas seguintes palavras:

Não pude deixá-la de lado enquanto lia. Na época eu não sabia por que era tão importante para mim, mas agora vejo que a coisa essencial era que mostrava ser possível examinar cientificamente os seres vivos com o corolário de que as lacunas no conhecimento e na compreensão não necessitavam me assustar. Para mim, esta idéia significou uma grande diminuição de tensão e, conseqüentemente, uma liberação da energia para o trabalho e para os jogos (Winnicott *apud* Davis, 1982, p.25).

Segundo Phillips (1988), assim como Freud descreveu as histórias recalçadas de seus analisandos, Darwin reconstruiu as histórias invisíveis das espécies. Winnicott, por sua vez, não queria preencher as lacunas entre as histórias, encontrar os elos perdidos, mas procurar meios de examinar os espaços entre eles, os espaços transicionais.

Em *A Origem das Espécies*, Darwin havia notado o que ele chamava de 'gradações transicionais' ou 'intermediárias' no desenvolvimento das espécies, e o papel do ambiente nesse processo. Ele havia percebido o valor, para a sobrevivência, da variação e da diversidade individual, mas também a necessidade do organismo de ceder às exigências do seu ambiente. Os organismos tinham que se ajustar e se adaptar, mas também individualizar-se prolificamente a fim de aumentar suas chances de sobrevivência. Inovação e adaptação eram mutuamente necessárias, na medida em que aqueles que finalmente fossem incapazes de se adaptar ao seu ambiente não sobreviveriam (Phillips, 1988, p. 4).

Ainda segundo Phillips (1988), Winnicott reverte a equação darwiniana, sugerindo que o desenvolvimento humano era freqüentemente, ao contrário de necessidade imperativa de adaptação, uma luta implacável contra a conformidade com o meio ambiente. Com a idéia de que a mãe deve adaptar-se e favorecer o desenvolvimento da criança através de sua resposta de sustentação, ele introduz a possibilidade de reciprocidade e mutualidade no desenvolvimento primitivo do ser humano, revisando parte da contribuição de Darwin.

⁹⁸ Cabe lembrar que Darwin também é uma importante influência para Freud. Cf. Phillips, 2000 e Ritvo, 1990.